

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ELENA ROCIO RAMIREZ ORDOÑEZ

ONDE HABITAM MINHAS MEMÓRIAS:

Projeto interativo de coisa sob a ótica do design crítico

Rio de Janeiro, RJ
2023

ELENA ROCIO RAMIREZ ORDOÑEZ

ONDE HABITAM MINHAS MEMÓRIAS:

Projeto interativo de coisa sob a ótica do design crítico

Monografia submetida ao Programa de Graduação em Comunicação Visual Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Comunicação Visual Design.

Orientadora: Profa. Raquel Ferreira da Ponte

Rio de Janeiro, RJ
2023

CIP - Catalogação na Publicação

R173o Ramirez Ordonez, Elena Rocio
Onde habitam minhas memórias: Projeto interativo
de coisa sob a ótica do design crítico / Elena Rocio
Ramirez Ordonez. -- Rio de Janeiro, 2023.
60 f.

Orientadora: Raquel Ferreira da Ponte.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2023.

1. Memória individual. 2. Lembranças. 3.
Esquecimento. 4. Design Especulativo. 5. Coisa. I.
Ferreira da Ponte, Raquel, orient. II. Título.

Elena Rocio Ramirez Ordoñez


ONDE HABITAM MINHAS MEMÓRIAS:

Projeto interativo de coisa sob a ótica do design crítico

Monografia submetida ao Programa de Graduação em Comunicação Visual Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Comunicação Visual Design.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RAQUEL FERREIRA DA PONTE**
Data: 11/09/2023 11:39:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Raquel Ferreira da Ponte (orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profa. Irene Peixoto (examinadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Gabriela Irigoyen
Aluna do Programa de Pós-Graduação em Design EBA/UFRJ

DEDICATÓRIA

A mi Abuelita Helena Heredia



Pois ainda hoje, depois de tantos anos, acredito que você preferiu esquecer como meio de sobrevivência.

Porque aún hoy, después de tantos años, creo que preferiste olvidar a modo de supervivencia.

AGRADECIMENTOS

Na hora de agradecer, são inúmeras as pessoas que precisam entrar nesta lista, já que por esta pesquisa ter se desenvolvido ao longo de quase quatro anos, obtive informação, referências e inspirações de muitas pessoas e de lugares muito diferentes. Porém, quero colocar aqui aqueles que mais me acompanharam neste caminho, não só durante o processo de Trabalho de Conclusão de Curso, mas durante uma graduação, atravessada por uma pandemia e o mais importante, fora do meu país, com todos os desafios que isso implica. A todos aqui listados, agradeço o acolhimento e o apoio, espero poder estar apresentando a vocês um trabalho que reflita a colaboração de todos e que seja tão transformador para cada um de vocês como foi pra mim.

Agradeço imensamente ao meu pai, por ser aquele que desde 2015, me incentivou a buscar informação sobre o processo de admissão em uma das universidades públicas brasileiras, especialmente na alma mater do seu doutorado, a UFRJ. Claro que tudo isso não seria possível sem ele ter trazido a família em 2008 e ter me permitido conhecer e conectar com uma cultura que, ainda que parecida com a nossa, me ensina todos os dias a ser um ser humano mais compreensivo e aberto a novas ideias e novos mundos. Obrigada pai, por ter me incentivado a ser curiosa pelo mundo lá fora, a buscar respostas para todas as perguntas malucas que a vida pudesse me gerar, assim como por ter me passado os seus mais variados saberes ao longo destes anos.

Agradeço à minha mãe pelo apoio e incentivo no embarque nesta viagem de cinco anos, que talvez vá durar mais do que isso, se a vida me permitir. Sei que esta situação lhe gerou a dor de ver a sua filhinha partir, de me ver crescer e sair de casa, porém posso lhe assegurar que sou muito feliz pelo percurso que tenho tido.

Agradeço à minha irmã por ter sido a minha maior inspiração quando apenas era uma criança e por ter aberto oportunidades que hoje me permitem estar onde eu estou.

Agradeço à UFRJ não só por ter se tornado minha *alma mater* e ter me acolhido por estes 5 anos, como também por ter sido o espaço onde conheci pessoas maravilhosas e tive momentos inesquecíveis, tanto quando era criança como agora como jovem adulta. Igualmente agradeço aos espaços como a SIAC e a JICTAC que nos permitem mostrar nossas pesquisas a uma banca e receber os comentários necessários para a melhoria delas.

Um agradecimento especial à Universidad Nacional de Colombia, por ter sido o meu segundo lar, pois a ela devo a vida, as oportunidades e o conhecimento. Por ter sido a *alma mater* dos meus pais e da minha irmã, assim como por ter me acolhido por um ano inteiro no seu programa de graduação de Design de Produto, o que se vê refletido hoje até no projeto que aqui irei expor.

Ao programa PEC-G por ter me acompanhado no processo de seleção e ter me concedido a vaga na UFRJ.

Agradeço à profa. Raquel Ponte, por ter sido a primeira a me receber na UFRJ em 2018 e, desde então, não ter soltado a minha mão durante estes cinco anos. Obrigada por ser essa professora maravilhosa e dedicada, aquela que todos os dias demonstra o carinho por aquilo que faz e busca a excelência em cada uma das suas atividades. Obrigada por ter sido a minha orientadora tanto no Grupo de Pesquisa, na extensão do Instagram de CVD e mais especialmente, por ter me orientado durante esta pesquisa. Desde o primeiro texto lido, até o último ponto desta monografia, você sempre me apoiou nos momentos em que eu mesma achava que iria desistir da pesquisa, assim como me exigia quando era necessário, e claro, como não agradecer às inúmeras vezes que você teve que corrigir o portunhol desta que vos escreve.

Igualmente agradeço ao espaço criado pela profa. Raquel, o grupo de pesquisa Semiótica do Design, e a cada uma de suas participantes enquanto estive nele. Clarissa, Amanda, Gabrielle, Raissa e Vitória, que fizeram grandes aportes a esta pesquisa e ouviram atentamente as minhas apresentações. Foi uma honra compartilhar com vocês e desenvolver a pesquisa no Brasil junto com cada uma de vocês.

À profa. Irene Peixoto por ter me aberto todo um mundo de conhecimento na área editorial, mas, mais especificamente, por ter desconstruído a barreira entre arte e design. O seu conhecimento é amplo e me sinto lisonjeada ao ter passado por sua sala de aula, para poder me reconectar com meu eu criativo e desenvolver de modo pessoal esta pesquisa tão intimista.

À banca, composta pela Irene Peixoto e a Gabriela Irigoyen, pela escuta, as referências e os conselhos na melhoria deste projeto. Obrigada por aceitar ler esta monografia e por me acompanhar neste passo tão importante da minha vida.

À Lilian Soares, minha orientadora na disciplina de fotografia quando me tornei monitora. Obrigada por me ensinar o outro lado da moeda da vida acadêmica, com muita paciência você ajuda a fomentar a criatividade e as artes dentro da academia. Obrigada por me ajudar a existir e resistir no meio da pandemia, assim como por ter me orientado a levar adiante o projeto do Instagram do Laboratório do departamento e, com ele, criar uma apresentação na JICTAC que, junto aos demais monitores, conseguimos a tão almejada menção honrosa. Aproveito também este espaço para agradecer aos monitores que estiveram junto comigo nesta caminhada.

Ao Marco Cadena, por sempre fazer surgir um sorriso no meio do caos do final de semestre, seja com uma piada ou até com uma pequena pegadinha. Obrigada por organizar o laboratório e estar sempre prestes a ajudar os alunos no que

precisávamos. Você faz parte da UFRJ, é inspiração de resistência e é a alma desse tão sagrado espaço para os amantes da fotografia.

À Katia Manhães, porque é necessária uma página inteira para agradecer as inúmeras vezes que você me ajudou, teve paciência e me orientou nestes cinco anos de graduação. Sempre que o SIGA me fazia sofrer, você estava aí pra ajudar no meio do desespero.

À Fernanda Vuono, por me ajudar a me ver em perspectiva, a criar um projeto de carreira e de vida, por me fazer pensar naquilo que eu preciso fazer hoje para alcançar meus objetivos no amanhã. Obrigada por ver em mim valores que eu não via. Espero que esta monografia chegue às suas mãos, porque definitivamente sinto falta de saber a sua opinião sobre o que está escrito nestas páginas.

À Bibiana Serpa, com quem só tive a oportunidade de assistir uma aula, mas pode ter certeza de que foi A aula pra vida. Obrigada por me tirar de tantos paradigmas e me fazer questionar tudo aquilo que às vezes tomamos como verdade em nossas vidas. Obrigada por me fazer desenvolver um senso crítico diante as desigualdades políticas e tudo o que estas levam consigo.

À Sra Lena pelo seu acolhimento, suas opiniões e todos os seus aportes a este trabalho, você realmente me ajudou a mudar a minha visão diante de vários aspectos deste projeto. Obrigada por continuar ensinando desde a sua paciência e seus mais variados conhecimentos, você me deu um pouco do calor de avó durante este trabalho.

À minha equipe de trabalho: Marcinho, Moniquinha, Thauan e Levi, obrigada por todo o conhecimento e pelo crescimento profissional. Obrigada pelas nossas reuniões ao redor da zoeira de um café, e especialmente pelas risadas e o maravilhoso ambiente de trabalho.

Ao meu chefe/coordenador, mas na verdade ao meu amigo, Lipe (Felipe) Conrado, pelas suas palavras de alento, pela sua paciência e seu companheirismo. Obrigada por confiar em mim, por ter me dado a oportunidade de trabalhar junto com você e aprender do seu profissionalismo. Obrigada por ter me permitido conhecer pequenos detalhes das suas lutas e das suas conquistas, por estar na minha vida e me ajudar nos momentos mais difíceis dos últimos meses.

Às minhas amigas e às suas famílias. Agradeço a Ana Ferreira pelas risadas e as noites em vela (literalmente), tanto para fazer trabalhos como para nos apoiar emocionalmente, assim como os nossos eternos jogos de cartas, obrigada por me acolher como uma irmã dentro de casa. Igualmente, agradeço a tia Margareth por me acolher como filha, por me aconselhar ainda quando eu achava que não precisava e

pelas suas orações. Obrigada porque graças a você e à sua família que consegui começar a montar o que hoje com muito orgulho posso chamar de meu lar.

Agradeço a Rafaela Senceite por sempre estar aí quando precisava de um conselho, você era a adulta que eu buscava quando eu já era uma adulta em si. Obrigada por abrir as portas da sua casa e do seu coração, por demonstrar carinho desse seu jeitinho aquariano e por ser minha parceira em discussões e descobertas espirituais.

Agradeço a Abgail Pereira por ensinar a me surpreender com os pequenos detalhes da vida, por me fazer colocar um pé no chão diante as inúmeras injustiças do mundo afora, mas sobretudo, por testar minha paciência e me fazer encontrar essa virtude que, às vezes, sinto que perco com facilidade.

Agradeço ao Kim Kaznowski pelo ombro amigo pra chorar, dormir e gargalhar, pelos inúmeros ensinamentos. Você me faz pensar que este mundo ainda tem um jeito de dar certo, obrigada pelo seu esforço diário para criar um espaço em que queremos viver, e isso tudo a partir de uma empresa incrível que nem a DD, e claro as maravilhosas pessoas que tenho conhecido através de você. Igualmente aproveito para agradecer à Tia Sandra e Tamara, por hoje serem parte da minha rede de apoio, sei que posso contar com todos vocês sempre que estiver precisando.

À Nathalia Rangel, por me ajudar em momentos tão complicados e por não me deixar desistir do meu foco com o exercício. Você é uma profissional incrível e agradeço todo o seu esforço durante as nossas aulas, mas você também é minha amiga e te guardo no coração com tudo o que temos compartilhado, chorado e conhecido uma da outra.

Agradeço ao Juan, você tem me acompanhado desde a minha primeira graduação. Ainda depois de tantos anos, e claro, a distância que às vezes acaba as relações, você continua ao meu lado. Sei que estamos a uma ligação de distância, porque é maravilhoso ver como a nossa amizade só se torna mais forte com o tempo, que não importa quão pouco conseguimos nos ver, porque quando isso acontece, o relógio ainda decide parar por algumas horas.

À família Lisboa, especialmente a Lila e Ivan, meus pais adotivos brasileiros, que estiveram sempre para me dar um abraço, um consolo e um conselho quando mais precisei. Obrigada por compartilhar comigo os finais de semana e me fazer sentir em casa, nessa incrível mistura que vocês são, entre Colômbia e Brasil. Obrigada por me acompanhar em cada conquista e celebrar cada uma delas.

Se me perguntarem, não foi nada fácil fazer uma graduação fora do meu país, longe de casa, dos mimos do “hotel de mãe”, como chamamos na Colômbia, mas aqui conheci pessoas incríveis que pretendo levar comigo para o resto da vida. Criei aquela família de coração e eles me adotaram do jeito mais amável possível. Estou agradecida a todos vocês e caso alguém tenha ficado de fora, espero que saiba que ainda assim, habita aqui, nestas páginas, e nas minhas lembranças.

RESUMO

Já parou pra pensar no que somos sem memória? O que resta dentro de cada um de nós quando não há mais lembranças?

Temos uma credulidade quase inquestionável em nossas reminiscências, que, sem perceber, usamos e abusamos o tempo inteiro. Porém, só lembramos da nossa memória quando falha e começamos a questionar a sua verdadeira eficiência.

O objetivo deste projeto não é entregar verdades teóricas sobre a memória, as lembranças e o esquecimento. O que almejo com esta pesquisa é o despertar de questionamentos dos mais variados, e não tratar dos conceitos acima citados, e sim, da memória individual de cada ser.

Todos os seres humanos relacionam-se de formas diferentes com o entorno, e isso cria novas lembranças, sejam elas positivas ou negativas. Com o passar do tempo, o nosso sistema guarda aquilo que acha ser necessário e apaga dados que não são mais acessados ou indispensáveis. Em razão disto, criei uma coisa interativa para a exploração da memória individual por meio de questionamentos variados, visando um produto de interface física e material.

Os autores que embasaram este projeto foram: Tim Ingold, com o seu conceito de "coisa" dentro de uma perspectiva antropológica. A dupla de designers Anthony Dunne e Fiona Raby, com o conceito de Design Especulativo como uma maneira de fomentar questionamentos dentro do status quo. O conceito de memória foi abordado a partir das contribuições do filósofo Gaston Bachelard, e a exploração desse tema foi complementada pelo médico neurologista Daniel Schacter. Por último, destaco o escritor e neurologista Oliver Sacks e seus estudos de caso.

Palavras-chave: Memória individual, lembranças, esquecimento, Design Especulativo, Coisa.

ABSTRACT

Have you ever stopped to think about what we are without memory? What remains inside each of us when there are no more memories?

We have an almost unquestionable credulity in our reminiscences, which, without realizing it, we use and abuse all the time. However, we only remember our memory when it fails and we begin to question its true efficiency.

The objective of this project is not to deliver theoretical truths about memory, memories and forgetting. What I aim for with this research is the awakening of the most varied questions, and not dealing with the concepts mentioned above, but with the individual memory of each being.

All human beings relate in different ways to their surroundings, and this creates new memories, whether positive or negative. Over time, our system saves what it deems necessary and deletes data that is no longer accessible or indispensable. Because of this, I created an interactive thing for the exploration of individual memory through various questions, aiming at a physical and material interface product.

The authors who supported this project were: Tim Ingold, with his concept of "thing" within an anthropological perspective. Designer duo Anthony Dunne and Fiona Raby, with the concept of Speculative Design as a way to raise questions within the status quo. The concept of memory was approached from the contributions of the philosopher Gaston Bachelard, and the exploration of this theme was complemented by the neurologist Daniel Schacter. Finally, I highlight the writer and neurologist Oliver Sacks and his case studies.

Keywords: Individual memory, memories, forgetting, Speculative Design, Thing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: tabela de dados dos cartões	49
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Ethicator</i>	27
Figura 2: ícone 1.....	32
Figura 3: ícone 2.....	32
Figura 4: ícone 3.....	32
Figura 5: ícone 4.....	32
Figura 6: ícone 5.....	33
Figura 7: foto familiar	33
Figura 8: dado projetado.....	34
Figura 9: amostra de tipografia American Typewriter.....	35
Figura 10: luva para caixa	43
Figura 11: foto da luva para caixa.....	44
Figura 12: foto do topo da caixa	44
Figura 13: texto no interior da caixa.....	45
Figura 14: foto do texto no interior da caixa	45
Figura 15: foto da carta e do dado.....	47
Figura 16: texto anverso cartão Alerta Gatilho.....	47
Figura 17: texto verso cartão Alerta Gatilho.....	48
Figura 18: foto cartão Alerta Gatilho	48
Figura 19: foto de cartões novos.....	54
Figura 20: caderno dentro de nicho	55
Figura 21: gaveta aberta.....	55
Figura 22: caixa final, com todos seus elementos	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. MEMÓRIA	18
2.1 Gaston Bachelard.....	18
2.2 Daniel Schacter	19
2.3 Oliver Sacks	21
3. BASES DO PROJETO.....	24
3.1 Coisa.....;	24
3.2 Design Especulativo.....	25
3.3 Primeiras experiências da caixa 28	
4. A COISA CAIXA.....	30
4.1 Descrevendo a caixa.....	30
4.2 Projeto gráfico.....	34
4.3 Prototipação e teste	35
4.4 Entrevistas	36
4.5 Aperfeiçoamento	43
5. CONCLUSÃO	57
6. DESDOBRAMENTOS.....	59
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1. INTRODUÇÃO

No começo de 2020, enquanto o mundo se viu obrigado a desacelerar e cada um tinha que se reencontrar no interior da sua casa, no grupo de pesquisa Semiótica do Design, da UFRJ, coordenado pela profa. Raquel Ponte, decidimos manter vivos nossos encontros e debates, porém, com consciência e auto-compaixão diante o cenário pandêmico. Assim, surgiu uma pesquisa ainda mais interna e subjetiva com um ponto de partida em comum: a leitura do primeiro capítulo do livro “A Poética do Espaço” de Gaston Bachelard (2008).

Durante esta leitura, surgiu a proposta da exploração de alguns termos que todas as integrantes propuseram, tais como: Corpo, Espaço, Linguagem, Memória, Pertencimento e Proteção, o que se desdobrou em mapas mentais e *moodboards* individuais, que posteriormente foram compartilhados em nossos encontros. No final deste processo de exploração, cada uma escolheu o termo ou vertente com o qual faria uma pesquisa, sem saber ao certo o ponto final que queríamos atingir.

Assim, escolhi o termo memória, do qual eu pude gerar dois caminhos possíveis de desdobramento. O primeiro é a memória coletiva, aquela que se cria em comunidade, irmã mais nova da história, e necessária para lembrar tanto os erros como os acertos da humanidade e o segundo é a memória individual, aquela que está dentro de cada um e que forma quem somos.

Vale lembrar que, em paralelo à leitura de Bachelard e às nossas indagações individuais, no grupo de pesquisa exploramos o conceito de Design Especulativo (DE). Criado e difundido pelos acadêmicos Dunny e Raby (2013), como uma vertente do design que fomenta o questionamento sobre a nossa cultura e sociedade, propõem projetos que buscam gerar reflexões e não dar solução imediata a algum problema, como faria o design tradicional.

Neste ponto, também é relevante levar em consideração que, de modo particular, eu sempre tive um grande interesse na memória como um todo, tanto individual quanto coletiva, além de ter dentro da minha história aspectos que me aproximaram da mesma.

Na parte da memória coletiva, é de grande importância mencionar que eu sou colombiana, e como é de conhecimento popular, muito além dos preconceitos, o meu país está marcado pelo conflito interno, a migração forçada e a quantidade imensurável de vítimas que fazem parte da sua história. Sem me aprofundar muito mais, quando tento dialogar sobre este conflito prefiro sempre sintetizá-lo, se é que isso é possível, com duas sentenças: a primeira, é de que se você falar com qualquer colombiano, todos temos uma história familiar conectada com a violência, uma perda e, a partir da perda, uma ferida que precisa ser curada, necessitando assim a preservação da memória dos atos que nos arrancaram os nossos parentes. A segunda

sentença é uma frase do fotojornalista, colombiano, Jesus Abad Colorado, que aparece no documentário “*El testigo: Caín y Abel*” (2017), onde ele diz “Eu, na Colômbia, não tenho conseguido descobrir quem é Caim e que é Abel” (tradução livre).

Finalmente, estas duas sentenças, assim como os caminhos da vida, me levaram a fazer parte de um grupo de mulheres que se reúnem para sarar as feridas da guerra por meio de quadros feitos com tecido, e desse modo manter viva a memória daqueles que foram privados da liberdade e da vida, para mostrar ao mundo que a violência pode se transformar em algo mais do que só vingança e mais violência.

Já sobre memória individual, minha maior referência é a minha avó paterna, chamada por mim como Abuelita Helena, que por um longo período, desenvolveu Alzheimer. Eu, desde muito nova, vi como a doença deteriorava uma mulher guerreira e mãe de três filhos, ao ponto de confundi-la e não reconhecer mais os próprios netos. A data do falecimento dela continua nítida nas minhas lembranças: 27 de outubro de 2010, um dia antes da minha primeira comunhão. Eu só tinha 10 anos, mas a partir dela sempre tive curiosidade sobre a doença e quanto mais pesquisava e conhecia novos casos na família, mais vontade tinha de entender o que essa doença realmente gerava nas pessoas, e parei pra analisar como isso afetava não só a pessoa que dela padece, mas também todos aqueles que estavam ao seu redor.

Durante a pandemia também tive a oportunidade de explorar a pesquisa de modo prático, sob a orientação da profa. Irene Peixoto, na disciplina de Design em Fronteira com as Artes. Esta matéria buscava fomentar nos alunos o desenvolvimento de um projeto de autoria própria, sem *briefing* ou diretriz por parte de “clientes”. Vale ressaltar que a pesquisa feita no grupo de pesquisa já tinha passado uma vez pela avaliação de uma banca na Semana De Integração Acadêmica (SIAC) da UFRJ em 2021 e, durante a disciplina, pude colocar em análise e prática os comentários recebidos durante a minha apresentação. Assim, surgiu a ideia de criar um objeto analógico para a exploração da memória individual, porém como era de autoria própria, decidi que ali iria juntar minhas memórias e lembranças, permitindo um espaço de bem-estar e reencontro. O resultado foi uma caixa na qual coloquei um pequeno caderno com artes feitas por mim, um compilado de músicas e filmes que me marcaram no percurso da vida e finalmente alguns objetos que guardo com carinho de momentos importantes. A apresentação final deste projeto foi um vídeo onde vou revelando cada um dos elementos da caixa. No fundo há uma gravação com a minha voz, em que apresento alguns dos pensamentos que tive no decorrer da disciplina, tanto na imersão das memórias como durante a criação do projeto em si. Este vídeo pode ser acessado na plataforma do YouTube, no link: youtu.be/wnTRJ5EmPig. Neste ponto, o projeto passou por uma nova avaliação na XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC 2020) da UFRJ, onde recebeu novos *feedbacks* que posteriormente foram incorporados no decorrer desta monografia.

A partir dali, continuei a pesquisa explorando a memória de formas diferentes e desde perspectivas que não necessariamente se contrapunham, mas sim que se complementam. Cheguei à conclusão que iria me focar na memória individual, quando encontrei duas das grandes referências para o meu trabalho: Daniel Schacter, neurocientista e explorador da memória a partir da medicina, e Oliver Sacks, neurologista e psiquiatra, pesquisador das doenças mentais, porém com uma visão mais ampla além de só a medicina, levando em consideração a história e o entorno dos casos que ele pesquisava.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver um projeto de *coisa* - conceito do antropólogo Tim Ingold (2012) -, baseado no DE, como meio de exploração da memória individual. Porém, a pesquisa não busca dar uma resposta única à pergunta "o que é memória?", e sim permitir que os indivíduos possam criar seus próprios questionamentos sobre suas lembranças, assim como oferecer um espaço de acolhimento e proteção para os momentos marcantes da vida de cada um.

No decorrer da monografia explorarei, primeiramente, o conceito de memória, como ele surgiu neste projeto a partir da leitura de Bachelard, e como está conectada com os espaços, especificamente casa e lar. Posteriormente, irei mencionar como a neurociência e a medicina entendem a memória de forma física, baseada nas pesquisas de Schacter (2001). Por último, apresentando a minha maior referência que aborda este conceito, irei mostrar um pouco de como Sacks (1997) entendia a memória, citar alguns casos estudados por ele e assim entender como uma doença ou disfunção do cérebro, que acabe afetando a memória, não só acomete o indivíduo de forma física e psicológica, como também afeta os entes próximos e a sua relação com a pessoa.

Posteriormente, irei explicar o conceito de *coisa* a partir do artigo "*Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados de criativos num mundo de materiais*" (INGOLD, 2012). Nele Ingold discorre que é necessário deixar de lado a ideia de objeto, e, em vez disso, trazer de volta a de coisa, entendida por ele como um "certo agregado de fios vitais" (INGOLD, 2012, p.4). Este conceito ganha grande relevância na monografia, já que dali reconheço que o meu projeto irá ser uma *coisa* e não um objeto, pois não está terminada, e continuará em constante transformação a partir das interações e intervenções que os indivíduos façam com ela ao longo do tempo.

O resultado do projeto, a *coisa*, também se baseia na opção por um projeto de cunho analógico e surge a partir do Design Especulativo, conceito que me possibilitou gerar questionamentos dentro e sobre a área do design, assim como fundamentar o fato de escolher um projeto que não busca ser um produto acabado. Além disso, o DE permitiu que surgissem reflexões sobre a necessidade da preservação do material em um mundo que cada vez está mais imerso no mundo digital. Aqui irei mencionar algumas obras de arte e exposições, que pretendem encapsular a memória e que me ajudaram a compreender a importância do projeto físico.

Posteriormente, trago algumas percepções sobre a criação da minha própria caixa dentro da disciplina Design em Fronteira com as Artes e como, a partir dela, consegui esboçar a ideia inicial do projeto de conclusão de curso que eu gostaria de entregar a terceiros. Assim, foram criadas três caixas, entregues a pessoas com perfis diferentes, dentro do universo amplo do público-alvo, e posteriormente realizados encontros para entender como foi a experiência de uso das atividades sugeridas.

Como desdobramento, apresento a criação da *coisa*, com o intuito de ser oferecida comercialmente para público jovem e adulto que permita criar um espaço de acolhimento e segurança para as pessoas que queriam guardar lembranças e criar a partir de suas memórias, para posteriormente, acessá-las, elaborando assim um tipo de cápsula do tempo pessoal.

2. MEMÓRIA

“... se bastam as águas de um rio para apagar a memória, o que acontecerá comigo, que atravesssei um mar inteiro?” (GALEANO, 1940)

...e depois de muitos anos estavam de volta à sua terra de origem, e nunca tinham esquecido nada. Nem ao ir embora, nem ao estar lá, nem ao voltar: nunca tinham esquecido nada. E agora tinham duas memórias e duas pátrias” (GALEANO, 1940)

2.1 Gaston Bachelard

Gaston Bachelard foi um filósofo, ensaísta e poeta, porém, foi no final da sua vida que explorou ainda mais esta última faceta. Assim surgiu o livro *A Poética do Espaço* (2008), em que discorre sobre a imaginação, o espaço e a ensonhação. Este projeto se debruçou exclusivamente no primeiro capítulo intitulado “A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana”. Ao percorrer o texto, percebi como a memória era um termo recorrente e importante para o discurso de Bachelard, e, assim, a escolhi como ponto de partida da pesquisa.

Bachelard, neste livro, cria um vínculo entre as memórias e o espaço, apresentando como a casa não vive exclusivamente no presente, mas que “O verdadeiro bem-estar tem um passado” (BACHELARD, 2008, p.28), o que me permitiu criar a conexão entre tempo, espaço e memória. Podemos perceber como a nossa memória está conectada com o nosso presente e o nosso futuro, já que “memória e imaginação não se deixam dissociar” (BACHELARD, 2008, p.29), pois os nossos pensamentos futuros se baseiam em tudo aquilo que já vivemos e tudo aquilo que ficou marcado nas nossas lembranças, dado que criamos nossas projeções a partir do que já foi vivido. “O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro.” (BACHELARD, 2008, p.29-30)

Paradoxalmente, em outro momento do texto, Bachelard faz um elo mais espacial do que necessariamente temporal com as memórias, já que “A memória — coisa estranha! — não registra a duração concreta... As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas” (BACHELARD, 2008, p.31). O espaço ajuda o indivíduo a encontrar de forma mais clara as suas memórias, assim como os protagonistas das mesmas. Já o tempo, abstrato em si mesmo, não consegue ter a mesma brecha dentro das lembranças. Assim, como Bachelard menciona: “Localizar uma lembrança no tempo é uma preocupação do biógrafo e quase corresponde exclusivamente a uma espécie de história externa, a uma história para uso externo, para comunicar aos outros” (BACHELARD, 2008, p.31), mas não é a história que queremos contar a nós mesmos.

O autor também pretende explorar a inexatidão das nossas memórias, já que “nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida.” (BACHELARD, 2008, p.29). Sabemos bem que a nossa memória não é uma gravação exata dos acontecimentos, até porque se pararmos para refletir, as lembranças às quais temos maior acesso, de modo mais profundo e desanuviado, são aquelas atreladas aos nossos sentimentos. Como já iremos perceber ao longo desta monografia, a nossa memória não é exata e se transforma com o passar do tempo, assim como a interpretação que podemos fazer dos acontecimentos daquele momento.

Vale lembrar que a memória vai muito além de imagens passadas em nossa cabeça. A memória também se manifesta em nosso corpo, na nossa interação com o mundo físico, em especial na casa, e mais ainda na casa primeira, onde crescemos, nos desenvolvemos e compartilhamos inúmeras histórias. “A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável.” (BACHELARD, 2008, p.36). Quem ainda não se lembra do barulho da porta da entrada de casa? Ou até alguns, posso me incluir nisso, não conseguiram reconhecer quem estava andando pela casa só pelo barulho que os pés faziam ao ter contato com o chão? Se fecharmos os olhos, ainda podemos saber, quase com exatidão, qual era a altura da maçaneta, a força que usávamos para abri-la e para que lugar aquela porta nos levava, assim como as memórias que possamos ter do conforto, que só o nosso lugar favorito da casa nos poderia trazer.

2.2 Daniel Schacter

Ao indagar sobre memória, são tantas as vertentes e possibilidades que podemos explorar, que decidi pesquisar referências de diferentes áreas para poder conhecer mais sobre a sua funcionalidade, e identificar assim uma memória tanto abstrata como uma memória física, dependente de um corpo, de um cérebro. Desta forma vimos aspectos que a medicina poderia medir de modo mais objetivo, porém, sem dissociar a conexão entre uma memória corporal e uma memória filosófica.

Assim, a pesquisa também se fundamenta nos estudos do professor e neurocientista Daniel Schacter, autor do livro *Os Sete Pecados da Memória* (2003), em que discorre sobre como a nossa memória não é algo inequívoco, como ela não é exata e pode falhar até nos momentos que mais precisamos dela.

A memória desempenha um papel tão onipresente em nossa vida diária que muitas vezes a tomamos como certa até que um incidente de esquecimento ou distorção reclama a nossa atenção (SCHACTER, 2003, p.10).

Schacter explica que entendemos nossas lembranças como uma fotografia e achamos que podemos acessar as mesmas de modo exato e sem alterações. Acreditamos no que lembramos como uma verdade absoluta, porém, o modo como reconstruímos nossas lembranças está intrinsecamente ligado aos nossos sentimentos.

Schacter define o termo "pecados da memória" como aquelas imperfeições ou equívocos que afetam a nossa vida diariamente, como o esquecimento de algum compromisso importante ou até mesmo a mistura entre lembranças de fontes completamente diferentes.

Assim, o autor faz uma analogia entre os sete pecados capitais e o que ele denominou como os sete pecados da memória. Porém defende estes pecados como algo necessário, como ferramentas criadas a partir do pensamento evolutivo darwinista de adaptabilidade. Schacter explica que da mesma forma que os pecados capitais dizem respeito a algo que é importante para nossa sobrevivência, porém de modo exagerado - como a gula diz sobre a nossa necessidade de comer para que o nosso corpo tenha os nutrientes necessários - os pecados da nossa memória fornecem "uma oportunidade de observar as forças adaptativas da memória." (SCHACTER, 2003, p.15).

Descrevendo de forma breve os sete pecados, o Schacter os divide em dois grupos. O primeiro inclui os 3 pecados por omissão, quando não conseguimos nos lembrar de algum acontecimento ou ideia, e o segundo grupo, os 4 pecados por comissão, quando existe ainda algum tipo de memória, mas ela é equivocada ou incompleta.

Os pecados por omissão são: transitoriedade, distração e bloqueio. O primeiro, a transitoriedade, diz sobre o poder do tempo em relação às nossas lembranças, como com o passar do tempo vamos esquecendo mais sobre os acontecimentos pelos quais passamos. Já o segundo, a distração, fala sobre a conexão entre a atenção e a memória, e como a falta da primeira irá afetar a segunda, como às vezes uma informação sequer é registrada, pois não estávamos prestando a atenção necessária em dita situação para poder criar uma lembrança. Por último, o bloqueio, trata dessa sensação que muitas vezes definimos como "ter a palavra na ponta da língua" e não poder acessar à informação no momento em que precisamos ou queremos, e finalmente aparece no momento menos esperado.

Já os quatro pecados por comissão são: atribuição errada, sugestibilidade, distorção e persistência. A atribuição errada faz com que a nossa mente brinque um pouco entre a linha da imaginação e das lembranças, assim como a mistura entre fatos de fontes completamente diferentes. O segundo pecado, a sugestibilidade, diz sobre a maleabilidade das nossas memórias a partir de perguntas ou observações que terceiros poderiam induzir - deste pecado, sem dúvida, as crianças são muitas vezes as mais afetadas. Já o pecado da distorção consegue trazer à tona a conexão

entre o nosso presente e o modo como surgem as nossas memórias, uma vez que este pecado é o responsável por distorcer os acontecimentos passados a partir das nossas crenças atuais, do mesmo modo que as nossas lembranças são permeadas por conhecimentos que não foram adquiridos antes do ocorrido, e sim por aquilo que foi aprendido posteriormente à reminiscência em questão. O último pecado, a persistência, trata de como a nossa memória em ocasiões não consegue sair do mesmo acontecimento e, de modo reiterado, traz uma lembrança de alguma lembrança negativa ou trauma.

Por fim, Schacter tenta explicar o porquê de a nossa memória cometer esses pecados, defendendo-os como ferramentas e não os demonizando como nós mesmos chegamos a fazer. O autor menciona que alguns desses pecados derivam do que os teóricos evolutivos têm percebido como um equilíbrio entre a necessidade de salvar uma informação e a frequência com que acessamos a ela. Nossa mente criou a adaptação para evitar sobrecarregar o armazenamento da memória com o passar do tempo, se uma informação não for acessada, provavelmente não irá ser acessada no futuro e é mais simples apagá-la de nossas lembranças do que mantê-la como um dado sem utilidade. Outros pecados surgem como um método eficaz de memorização de acontecimentos, que, para a nossa mente, foram momentos em que a nossa sobrevivência esteve em risco, e por isso continuamente as lembranças aparecem e se conectam rapidamente tanto com o ocorrido, as pessoas envolvidas e o espaço no qual aquilo aconteceu.

No decorrer desta monografia, em lugar de pecado, será utilizado o termo *déficit*, usualmente mais empregado pelos pesquisadores da área e explicado de forma mais profunda pelo neurocientista Oliver Sacks.

2.3 Oliver Sacks

Para entender as diversas camadas da memória individual e explorar a importância das lembranças na formação de nossa identidade, busquei uma referência que pudesse embasar minha pesquisa em casos reais. Foi assim que descobri o neurocientista Oliver Sacks, renomado por acompanhar pacientes com disfunções neurológicas. Sacks descreve que, na sua área, é comum usar o termo "déficit" para se referir à deterioração ou incapacidade da função neurológica (SACKS, 1997, p.11).

Sacks também foi relevante na pesquisa por não fazer a separação entre déficit e paciente, já que ele se refere à importância da individualidade do paciente, e que não deve ser separada a doença da identidade. Este aspecto é de suma importância, já que uma das grandes perguntas que surgiram no decorrer deste projeto foi: o que nos resta sem memória?, ainda que não haja resposta certa ou errada.

Um dos casos que mais me chamou a atenção, foi o homônimo ao livro *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* (SACKS, 1997), em que, como chamado por

Oliver Sacks, o Dr. P. perdera a sua capacidade de memória espacial e imaginação atreladas à sua capacidade do campo de visão do lado esquerdo. As pesquisas de Sacks não se restringiam a uma simples consulta, ele fazia entrevistas contínuas, testes e provas dos mais variados, dependendo de cada situação. No caso do Dr. P., Sacks conseguiu perceber o que acontecia quando pediu para o paciente fechar os olhos e se imaginar em uma praça da cidade. Posteriormente, pediu para que o Dr. P. descrevesse o que via ao atravessar a praça do lado norte ao sul, em seguida, pediu para que ele fizesse o caminho contrário e igualmente que fosse descrevendo tudo aquilo que ele via, ou no caso, tudo aquilo que ele lembrava ao imaginar o percurso. Porém os relatos, ainda que inequívocos, não eram os mesmos, pois eles só descreviam aquilo que estava do lado direito do Dr. P. em cada um dos sentidos. Assim, Sacks percebeu que do mesmo modo que o paciente perdera a sua capacidade de visão do lado direito, de modo neurológico, ele também não conseguia mais acessar as memórias daquilo que antes fizesse parte do seu campo de visão do mesmo costado.

Porém, Sacks reconhece que como o paciente não era consciente da doença, ele não tinha como lutar contra a mesma, pois, como se luta contra aquilo que não se sabe que se tem? Com esta leitura, tive a oportunidade de embasar teoricamente um dos pensamentos que eu já havia tido como neta de uma mulher com Alzheimer. Isto se refere ao fato do esquecimento da doença em si, de quão angustiante poderia ser se perguntar o que se tinha, sabendo que em algum momento, talvez, houve o conhecimento da doença, mas o esquecimento causado pelo déficit leva à perda de reconhecimento da mesma. Assim, cheguei à mesma pergunta que Sacks: “Mas o que era mais trágico, ou quem era mais desgraçado: o homem que sabia ou o que não sabia?” (SACKS, 1997, p.22)

Por outro lado, há casos como “O marinheiro perdido” (SACKS, 1997, p.28), em que podemos explorar outro tipo de disfunção da memória, aquela segundo a qual o passado se torna presente, e o presente nunca é salvo nas lembranças. Sacks reagiria diante deste caso como “imensamente desconcertante”. Como o próprio anotou em seus registros “Ele está, por assim dizer, isolado em um único momento da existência” (SACKS, 1997, p.33), que para aqueles mais apaixonados por filmes de comédia, conseguirei relacionar ao caso apresentado em “Como Se Fosse a Primeira Vez” (SEGAL, 2004).

Este caso em particular, em que o paciente é apresentado como Jimmie, trouxe a possibilidade de uma dualidade da resposta à minha pergunta anterior: O que nos resta sem memória?, porque até o próprio Sacks se questionava sobre a possibilidade de uma existência com a carência de memória e continuidade. Contudo, quando Jimmie foi internado, e lhe era permitido cuidar dos jardins, assim como entrar na missa e compartilhar a comunhão, ainda existia um vislumbre da sua humanidade, do seu ser, tanto pelo contato com a natureza como pela conexão com o seu lado espiritual, e assim o Sacks escreveu:

Mas um homem não consiste apenas em memória. Ele tem sentimento, vontade, sensibilidades, existência moral — aspectos sobre os quais a neuropsicologia não pode pronunciar-se. (SACKS, 1997, p.37)

Por fim, após estas pesquisas, pude fundamentar e rever, de modo mais amplo, o que é a memória e como ela é mutante e transformadora. Não há uma memória igual a outra, ainda que duas pessoas compartilhem o mesmo instante de vida juntas, o seu passado e seu aprendizado irão estar atrelados ao modo como as suas lembranças irão ser salvas e posteriormente acessadas, ou até o modo como serão esquecidas.

Foi com esta pluralidade, que comecei a pensar em um projeto que deixasse as pessoas acessarem as memórias das mais variadas formas. Não queria criar algo completamente fechado, onde as diretrizes fossem verdades absolutas sobre memória e esquecimento. Assim, surgiu o elemento principal do projeto em si, as perguntas, das mais diversas, concebidas a partir de diferentes ângulos, referências e opiniões, para que o projeto fosse se transformando com a pessoa, se tornando uma ferramenta e não uma âncora.

3. BASES DO PROJETO

Como mencionado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é desenvolver um projeto de Design Especulativo, para a exploração da memória individual. No entanto, não há uma resposta certa à simples pergunta “o que é memória?”, e isto torna o projeto a coisa em si, já que cada um de nós irá explorar de modos muito diferentes o espaço criado. A minha busca, no final, não é a de achar uma verdade comum, e sim desenvolver uma caixa para que cada um possa se permitir refletir sobre as suas próprias lembranças e esquecimentos, sem deixar de lado a saúde mental, buscando assim criar um lugar de acolhimento e compreensão.

3.1 Coisa

Neste projeto, não entendemos que será criado um objeto, mas sim uma "coisa", segundo o conceito de Tim Ingold no texto: *Trazendo as coisas de volta à vida emaranhados criativos num mundo de materiais* (2020). Este autor discorre que é necessário deixar de lado a ideia de objeto, e, em vez disso, trazer de volta a *coisa*, entendido por ele como um certo agregado de fios vitais (INGOLD, 2020, p.12). Um objeto não é mais que uma entidade fechada, diferentemente da coisa, que é um lugar de vários acontecimentos, permitindo assim a afloração da vida, uma contínua transformação indissociável dos fatores externos. No momento em que se cria e se percebe o ambiente como um conjunto de coisas, também é possível perceber que o ser humano faz parte desta transformação, que nada está estagnado: a vida transborda a própria superfície - ela vaza.

Um exemplo que pode ajudar a elucidar este conceito, citado pelo Ingold, é o da árvore (INGOLD, 2020, p.4). O autor instiga o leitor a se fazer o questionamento: onde começa e termina a árvore? Pois ao se aprofundar dentro da sua extensão, há todo um novo universo morando dentro da mesma, como os pequenos bichinhos que fazem morada em seu tronco, ou até as aves que criam ninhos em seus galhos.

Por outro lado, Ingold traz a pedra (INGOLD, 2020, p.5) como uma amostra do que poderíamos achar como algo fechado e sem vida. Contudo, é preciso pensar em todo o processo que a pedra leva para chegar ao lugar onde está, existindo a possibilidade de ter sido forjada no interior de um vulcão e moldada pelas águas, até se tornar uma pedra lisa pelos movimentos de erosão, assim como tudo aquilo que a transformou e a levou até o lugar onde nós a podemos encontrar.

Nem mesmo as coisas criadas pelo homem são objetos. Como Ingold cita, o próprio arquiteto Álvaro Siza afirma que ele nunca conseguiu criar uma casa real, pois a verdadeira casa é aquela que está sendo habitada e se transforma junto aos movimentos dos seres que a habitam e das forças exteriores que a afetam. Segundo Siza, "Onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade que tenta tolhê-los" (SIZA apud INGOLD, 2020, p. 11).

Por fim, Ingold traz diferentes referências que tratam e entendem nossa mente como algo que se estende para além do nosso crânio. O autor cita Beteson, afirmando que "o mundo mental - a mente, o mundo do processamento da informação - não é delimitado pela pele" (BETESON apud INGOLD, 2020, p. 14). Assim, este projeto entende a memória como algo vazado, que surge a partir do ser, mas que permite a conexão com resto do mundo, criando assim um emaranhado entre nosso passado, presente e futuro.

Em consequência, o projeto aqui explanado foi criado a partir deste conceito de coisa e com a intenção de que continue sendo assim, algo que seja vazado e vivo. Não estou projetando algo acabado em si mesmo. Pretendo criar um espaço de contínua transformação, visando sempre a interação da pessoa com as distintas superfícies do projeto e até instigando intervenções das mais diversas, só limitadas pela imaginação daquele que terá o produto em mãos.

3.2 Design Especulativo

Muito além do entendimento que se tem sobre o design como uma disciplina que, supostamente, só se dedica ao embelezamento de objetos ou até mesmo à criação de projetos que geram uma solução final, o Design Especulativo (DE) propõe que, por meio de uma atitude diferente em relação aos objetos de uso diário, possamos gerar uma crítica à preservação do *status quo* (DUNNE & RABY, 2023).

No primeiro capítulo do livro *Speculative Design Course - Learn Tools & Methods* (2013), a dupla de pesquisadores e designers Anthony Dunne e Fiona Raby menciona como o otimismo do design tradicional acaba gerando soluções que não mensuram a realidade que precisam atingir, a partir de uma visão reducionista dos problemas que a sociedade atual está enfrentando.

Embora essencial na maioria das vezes, o otimismo inerente ao design pode complicar muito as coisas, primeiro, como uma forma de negar que os problemas que enfrentamos são mais sérios do que parecem e, segundo, canalizando energia e recursos para mexer com o mundo lá fora, em vez de do que as ideias e atitudes dentro de nossas cabeças que moldam o mundo lá fora. (DUNNE; RABY, 2013, p.1)¹

Assim o DE surge como uma vertente que não pretende gerar soluções e sim promover questionamentos sobre a cultura e a sociedade, sendo uma "forma de design próspera na imaginação" (DUNNE; RABY, 2013, p.2).

¹ Although essential most of the time, design's inbuilt optimism can greatly complicate things, first, as a form of denial that the problems we face are more serious than they appear, and second, by channeling energy and resources into fiddling with the world out there rather than the ideas and attitudes inside our heads that shape the world out there. [tradução da autora]

Aqui não há restrição para as concepções de futuros possíveis, já que a pretensão desta linha do design é entender o nosso presente usando como ferramenta esses porvires e pensar em todas as possibilidades nas quais as nossas relações perante o mundo tecnológico podem acabar gerando cenários utópicos ou distópicos.

Porém as especulações geradas ou plasmadas a partir de projetos de DE não pretendem definir este futuro como parte de algo positivo ou negativo. Em vez disso, surge simplesmente a pergunta “e se...?”, para que assim possamos questionar sobre as nossas decisões como sociedade.

Raramente desenvolvemos cenários que sugerem como as coisas deveriam ser porque se torna muito didático e até moralista. Para nós, o futuro não é um destino ou algo pelo qual lutar, mas um meio para auxiliar o pensamento imaginativo - com o qual especular. (DUNNE; RABY, 2013, p. 3)

Os projetos de DE não restringem seu debate exclusivamente aos próprios designers, pois também querem atingir tanto o público como a indústria. Esses futuros possíveis nos quais se permite especular, “Relaciona-se com ideias sobre progresso – mudar para melhor, mas, é claro, para melhor significa coisas diferentes para pessoas diferentes.” (DUNNE; RABY, 2013, p. 3)

Dunne e Raby buscam que o DE seja útil, mas não do modo como nós designers fomos ensinados a pensar. Eles querem que as criações geradas destas especulações tenham uma utilidade social, para que critiquemos a forma como as novas tecnologias entram em nossas vidas e como nos limitam, pelo modo tão raso do entendimento que elas têm sobre o que é ser um ser humano.

No documentário "Coded Bias" (KANTAYYA, 2020), podemos observar a crítica que as pessoas atualmente estão fazendo em relação às novas tecnologias. Existe uma consciência crescente sobre como a incorporação de aparelhos eletrônicos e o armazenamento de nossos dados como usuários podem gerar repercussões significativas na sociedade. Isso também deu origem a uma nova forma de venda e consumo para grandes empresas, em que o elemento humano está se tornando cada vez menos relevante, e nós nos transformamos em meros números dentro de um conjunto de informações.

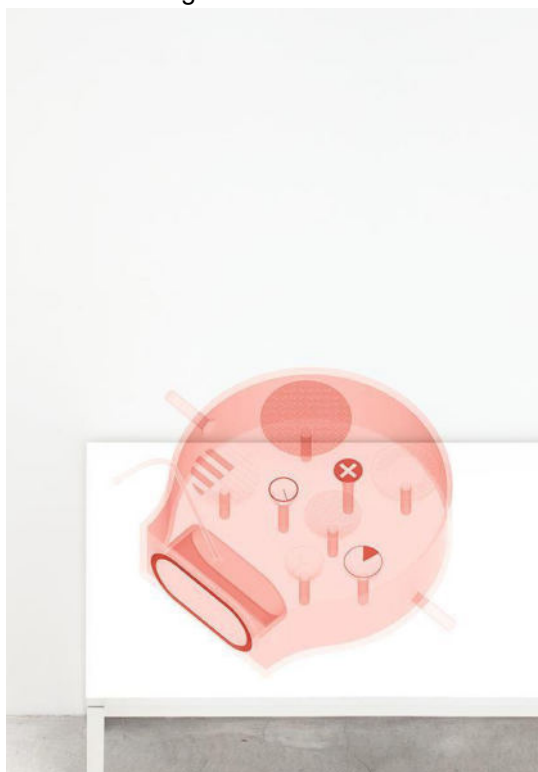
O DE pretende gerar ideias, questionamentos, especulações, muito além de objetos, mas também a partir de protótipos físicos, narrativas visuais e manifestações artísticas. Porém não pretende especular ou criticar de forma negativa: “O design crítico é o pensamento crítico traduzido em materialidade. Trata-se de pensar através

do design em vez de palavras e usar a linguagem e a estrutura do design para envolver as pessoas.”² (DUNNE; RABY, 2013, p. 35)

Para exemplificar o DE, trago um projeto criado, em 2014, por Dunne e Raby, a pedido da casa de arte, design e arquitetura contemporânea Z33. O projeto *Not Here, Hot Now* apresenta interfaces de materialidade ambígua, pois não fica muito claro se essa interface é um objeto físico ou meramente digital. Por meio de 6 objetos satíricos, para uma sociedade governada por tecnocratas e algoritmos, a dupla questiona a linguagem do design para representar o futuro e como isso poderia ser limitante para alternativas de futuros possíveis.

Um dos objetos criados é o *Ethicator*: uma calculadora que retira o papel do juízo humano e resolve problemas éticos cotidianos por meio de algoritmos. Além disso, a dupla busca explorar, com esse projeto, o modo limitante como as novas tecnologias entendem o que é ser um ser humano e o que isso realmente significa.

Figura 1: *Ethicator*



Fonte: <https://dunneandraby.co.uk/content/projects/744/0>

Trouxe ao projeto o Design Especulativo como ferramenta para fomentar os questionamentos sobre memória, permitindo que as pessoas se perguntem sobre seu

² Critical design is critical thought translated into materiality. It is about thinking through design rather than through words and using the language and structure of design to engage people. [tradução da autora]

passado para poder reencontrar-se no presente e talvez especular sobre o seu por vir.

As especulações de design podem dar forma ao multiverso de mundos que nosso mundo poderia ser. Considerando que se aceita que o presente é causado pelo passado, também é possível pensar que ele é moldado pelo futuro, por nossas esperanças e sonhos para o amanhã. (DUNNE; RABY, 2013, p. 160)

3.3 Primeiras experiências da caixa

No período letivo de 2021.1, tive a oportunidade de explorar as artes e o design de modo autoral na disciplina de Design em Fronteira com as Artes, ministrada pela profa. Irene Peixoto. Nesta matéria, os alunos foram incentivados a criar um diário de artista para, por meio deste, acharmos um projeto no qual tivéssemos interesse em trabalhar e chegar a um resultado, porém, que fosse sem cliente e sem briefing. Com esta disciplina percebi a importância de manter o meu lado criativo ativo, por meio de projetos pessoais que me permitam sair das demandas comuns do design.

No meu caso em particular, desde o começo observei uma oportunidade para explorar de forma prática toda a teoria que já havia estudado sobre memória. Do mesmo modo, iria me permitir explorar a caixa de memórias como se eu estivesse a respondendo, para, assim, pensar desde o ponto de vista daquele que posteriormente faria as atividades. Porém eu ainda não tinha um roteiro, nem perguntas que me criassem algum tipo de provocação.

Assim, surgiu pela primeira vez o nome que ainda hoje continua com o projeto “Onde Habitam Minhas Memórias”, uma caixa na qual guardei um pequeno folder, três conjuntos de elementos e uma foto final em destaque, todas estas peças criadas no decorrer da disciplina. No resultado apresentado em vídeo, mostro primeiro o conteúdo do folder, onde é possível observar algumas peças artísticas da minha autoria que remetem às minhas lembranças. Este vídeo pode ser acessado na plataforma do YouTube, no link: youtu.be/wnTRJ5EmPig.

Já o primeiro conjunto é uma pequena caixa que guarda várias capas de filmes que fazem parte das minhas memórias, não porque tenham necessariamente algum elemento sobre este tema, mas sim porque tenho imagens vívidas de quando estava assistindo a esses filmes, assim como daqueles que me acompanhavam no momento. Assim, criei o que acredito ser a representação de uma pequena cinemateca das minhas memórias.

O segundo conjunto é um compilado de músicas que me remetem a uma pessoa em particular. Talvez a música estivesse tocando de fundo durante um momento especial, ou a pessoa tivesse me apresentado ela, ou simplesmente, quando refleti sobre a

letra, foi impossível não personificar a mesma e assim dar nome àquele trecho da música. Desta maneira, acabei criando a playlist das minhas memórias.

Posteriormente, e em contraste com as outras caixas mostradas até o momento, se descobre uma caixa preta, que quando eu me permito abri-la, se revelam, ao espectador, vários pequenos objetos que me remetem a momentos específicos da minha vida. Poderia ser uma viagem, um concerto, um museu, um uma conquista ou a passagem por alguma cerimônia, porém, cada um desses objetos traz consigo sentimentos dos mais variados, mas sem dúvidas, um suspiro sempre é um bom companheiro nessas horas.

Para terminar, apresento a minha inspiração, minha musa e a quem dediquei esta pesquisa desde seus primórdios, minha abuelita Elena. Faço essa apresentação com uma das fotos que mais me ajudam a esboçar um leve sorriso no rosto, uma foto do meu aniversário de talvez três ou quatro anos, onde estou tentando me comunicar de algum jeito com a minha avó e ela sorri ao ver a sua pequena neta. Vale aqui uma pequena menção a um texto que pude ler quase ao culminar esta monografia, um capítulo de “O livro dos abraços”:

Desmemória I

Estou lendo um romance de Louise Erdrich. A certa altura, um bisavô encontra seu bisneto. O bisavô está completamente lelé (seus pensamentos têm a cor de água) e sorri com o mesmo beatífico sorriso de seu bisneto recém-nascido. O bisavô é feliz porque perdeu a memória que tinha. O bisneto é feliz porque não tem, ainda, nenhuma memória. Eis aqui, penso, a felicidade perfeita. Não a quero. (GALEANO, 1940, s.p.)

4. A COISA CAIXA

4.1 Descrevendo a caixa

Como descrito anteriormente, a caixa leva o nome desta monografia, “Onde Habitam Minhas Memórias”. Foi criada para que a pessoa possa trazer tudo aquilo que for importante na sua vida, desde guardar um momento muito feliz da sua semana ou até mesmo desabafar alguma dor da infância que a memória sempre traz. Esta exploração é fomentada através de atividades que desejam criar questionamentos sobre as lembranças e os esquecimentos.

Para começar temos o nome da caixa no topo, e ao ser aberta a pessoa encontra quatro elementos principais: uma carta, dezesseis cartões (sendo 14 de atividades), um dado e um caderno em branco.

A carta é a abertura para toda a coisa. Escrita de modo pessoal, descrevo um pouco do conteúdo da caixa, assim como o porquê da criação da mesma, agradeço àquele que esteja com ela em mãos e a encerro convidando a pessoa a interagir com o último dos cartões, criando uma certa curiosidade pela minha história. Coloco aqui o conteúdo da mesma:

Olá, tudo bem?

Estou escrevendo esta carta pra te contar o porquê desta caixa estar em suas mãos e desde já agradeço por tê-la aceito. Espero que seja uma atividade tão especial para você como está sendo pra mim.

Existe um processo quase onipresente na nossa vida e ironicamente só lembramos dele quando falha. É um recurso que você está usando neste momento sem perceber, pois dele dependem quase todas as nossas habilidades, até mesmo a leitura. Este processo é a memória, pois ela é uma caixinha que guarda tudo o que já aconteceu na nossa vida, todos os aprendizados que já tivemos, desde os que hoje achamos mais simples, como caminhar, até os mais complexos, como fazer grandes projetos ou contas complicadas.

Por isso, agora que você está com esta caixa em mãos, quero lhe fazer um convite para que se sinta à vontade para explorar as suas memórias, suas lembranças mais profundas. Pode trazer tudo aquilo que for importante na sua vida, desde guardar um momento muito feliz da sua semana ou até mesmo desabafar alguma dor da infância que a sua memória sempre traz.

Os cards que vai achar aqui dentro não são um manual de instruções que você deva seguir à risca. Pense nelas como o ponto de partida. Você irá achar algumas perguntas que criei a partir de referências de livros e filmes, assim como perguntas que têm surgido no decorrer do meu trabalho. Pode responder a elas do jeito que preferir.

Adicionalmente, esta caixa tem um espaço que por enquanto está vazio, mas o intuito dele é que você coloque aqui dentro objetos que sejam importantes e que remetem a alguma história da sua vida, a algum momento marcante.

Para finalizar, quero que saiba que fiz 3 destas caixinhas, e me sinto muito agradecida que você esteja com esta em mãos. Espero que se sinta acolhido a usar este espaço para seu bem estar, para cuidar de si, para se reconciliar com o seu passado e saiba que esta caixinha sempre estará pronta para quando você queira colocar alguma coisa dentro, ou até quando você simplesmente deseje revisitar as memórias já guardadas nela.

Por último quero lhe contar o motivo pelo qual decidi criar esta caixa. Sou aluna de Comunicação Visual Design na UFRJ, e estou bem pertinho de terminar a minha graduação. Esta caixa faz parte do meu TCC. Pensei nela como um teste do processo para criar a caixa final, por isso, se em algum momento você sentir que tem alguma coisa que poderia ser mudada, ou alguma parte acabou sendo muito relevante no seu processo e você acha importante que eu mantenha ela dentro do meu projeto final, fique à vontade de entrar em contato comigo. Estou aberta a todos os seus comentários que possam enriquecer esse momento tão importante da minha graduação.

Ah!! E caso tenha curiosidade de saber a minha maior inspiração para este trabalho, convido você a ir nas últimas páginas do livro. Ali vou te contar uma pequena história e assim compartilhar com você uma memória pessoal.

Espero que este sempre seja um lugar seguro para você e suas memórias
Abraços,
Elena Ramirez

Prosseguindo com o conteúdo da caixa, os cartões são dezesseis: o primeiro, no seu anverso expõe novamente o título do projeto e em seguida uma citação de Oliver Sacks. Já no verso, escrevi a explicação da dinâmica criada para as atividades para ajudar aqueles que se sentissem amedrontados com a caixa e sem um norte para criar. Vale mencionar que a explicação já traz cinco símbolos:

Aqui você vai achar 14 cartões com perguntas para incentivar a começar a sua caixinha de memórias, caso você não saiba como começar, eu propus um pequeno jogo.

A ideia do jogo é que cada vez que você queira responder uma pergunta, deve ser lançado o dado que vem dentro da caixa, e assim você irá descobrir que tipo de atividade você irá fazer com cada um dos cartões.

Fique à vontade para mudar de estratégia ou preencher a sua caixa sem precisar usar o dado sempre. Não esqueça que este espaço é seu e deve ser um lugar de acolhimento.

O dado apresenta 5 ícones:

1. Escreva: sinta-se à vontade de escrever no cartão, em um papel, ou no caderninho que vem dentro da sua caixa

Figura 2: ícone 1



Fonte: Criação própria

2. Guarde: se tiver vontade de guardar uma lembrança por meio de um objeto, esse aqui será o seu espaço ideal para fazer isso.

Figura 3: ícone 2



Fonte: Criação própria

3. Rabisque: crie uma imagem, pode ser uma foto, um desenho, uma ilustração ou meramente deixe a sua mão sobre o papel e se permita rabiscar um esboço sobre sua memória.

Figura 4: ícone 3



Fonte: Criação própria

4. Compartilhe: se o cartão te remeteu alguém, eu proponho aqui duas ideias. Por um lado, você pode responder a pergunta e dar de presente a alguém o card com a resposta. Por outro lado, você pode dar o card e pedir pra pessoa responder e te devolver a resposta para posteriormente guardá-la aqui.

Figura 5: ícone 4



Fonte: Criação própria

5. Aleatório: agora é você, use e abuse da sua imaginação para responder a pergunta. Pode ser usando uma ou a junção das estratégias aqui descritas, ou também você pode criar a sua própria estratégia de registrar a sua lembrança.

Figura 6: ícone 5



Fonte: Criação própria

Os próximos quatorze cartões instigam o indivíduo a explorar sua memória individual por meio de perguntas no anverso, enquanto no verso apresentam ilustrações simples para acompanhar cada questionamento. Posteriormente, cada uma das perguntas e ilustrações será exposta em maior detalhe.

Para finalizar, o décimo sexto cartão apresenta no seu anverso a dedicatória à minha avó, juntamente com a foto a seguir. No lado reverso, incentiva-se o indivíduo a assistir ao vídeo - mencionado anteriormente - do trabalho final da disciplina de "Design em fronteira com as artes", por meio de um QR code.

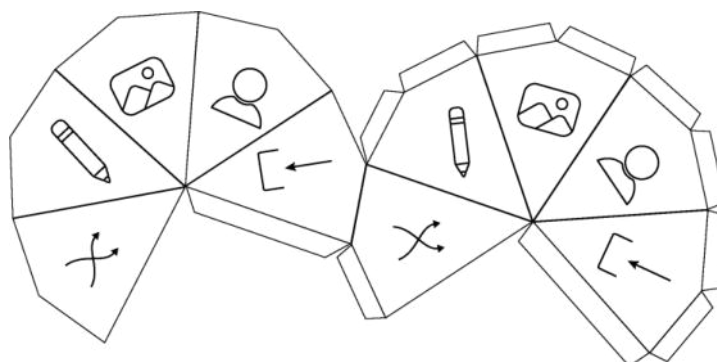
Figura 7: Foto familiar



Fonte: Álbum familiar

Já o dado de dez lados foi desenvolvido para gerar originalidade e diferenciação, com os cinco símbolos acima expostos, repetidos em duas de suas faces. O objetivo do dado é fazer parte do dinamismo que quis dar à caixa e às atividades, fazendo com que a pessoa possa jogar um pouco enquanto explora suas memórias.

Figura 8: Dado projetado



Fonte: Criação própria

No decorrer da coisa, deixo claro que nem os cartões, nem a dinâmica são elementos obrigatórios. Na verdade, eles são meramente um ponto de partida. Meu desejo é que a pessoa continue usando a caixa ainda depois de que os cartões tenham sido respondidos, ou que até mesmo ela crie as suas próprias perguntas e as acabe respondendo do jeito que preferir.

Outro elemento que a pessoa irá encontrar dentro da caixa é o caderno. Um espaço completamente em branco para criar, do modo que ela preferir, tanto textos como imagens, ou qualquer outro tipo de criação que a sua imaginação permitir-lhe explorar suas lembranças.

Por fim, a caixa inclui uma gaveta projetada inicialmente como um espaço vazio, no qual a pessoa pode colocar suas lembranças em forma material. Essa gaveta proporciona acesso fácil àquilo que guarda sempre que necessário, garantindo que esteja em um local seguro.

4.2 Projeto gráfico

A identidade visual do projeto não foi planejada antes da criação da coisa, ela foi se formando junto com a caixa em si. Tinha alguns elementos e valores que apareciam na minha cabeça e a partir deles comecei a tomar algumas decisões.

A tipografia, *American Typewriter*, apareceu como um elemento que remetesse às fontes das máquinas de datilografia, trazendo consigo o valor da nostalgia, até mesmo de uma nostalgia não vivida por parte do meu público-alvo, mas que continuou criando essa relação com tempos antigos.

Figura 9: amostra de tipografia *American Typewriter*

A B C D E F G H I J K L M
 N O P Q R S T U V W X Y Z
 a b c d e f g h i j k l m n o
 p q r s t u v w x y z
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Fonte: Criação própria

As duas cores, completamente opostas, o branco e o preto foram decididas para intervir o mínimo possível. Ainda sendo consciente de que o branco em tantas superfícies poderia ser assustador para muitos, quis mantê-lo, não para intimidar e sim para convidar a ser preenchido.

À exceção da foto, todas as ilustrações são de autoria própria, buscando ser o mais simples possível. Queria que as perguntas tivessem um complemento e não uma competência, por isso meu objetivo foi fazer as ilustrações a partir de linhas, sem cor e sem muitos detalhes.

A linguagem que escolhi para todos os textos foi visando uma aproximação na qual a pessoa se sentisse em uma conversa com um conhecido, ou até consigo mesmo, com palavras simples.

4.3 Prototipação e teste

Ao ter feito a projeção da coisa, quis fazer um pequeno teste de campo para saber se aquilo que fazia sentido para mim, uma pessoa que levava bastante tempo inserida na pesquisa, também fazia a terceiros. Foi assim que criei três caixas iguais, as quais foram entregues a pessoas que não faziam parte do mesmo círculo, de profissões diferentes e idades as mais abrangentes possíveis, porque reconheço que sendo uma amostra tão pequena, deveria englobar o máximo possível o meu público-alvo.

Assim, as caixas foram espalhadas pela cidade do Rio: uma estava em Laranjeiras, nas mãos de uma mulher branca, de 73 anos, mãe e avó, professora de Letras, por aproximadamente 5 meses. A segunda encontrou seu lar em Botafogo, nas mãos de um homem branco, gay, de 31 anos, da área de publicidade e design. Com ele a caixa esteve por mais ou menos 3 meses. Por último, a terceira caixa chegou ao Engenho Novo, nas mãos de um homem negro, cis hetero, de 30 anos, que faz parte da área de desenvolvimento de jogos e TI, com ele a caixa esteve por aproximadamente por 1 mês. O motivo pelo qual os tempos pelos quais cada pessoa ficou com a caixa foram

tão variados, foi o fato de que a coisa continua sendo um processo 100% manual, o que precisava de um certo tempo e dedicação para sua confecção. Por isso preferi entregar as caixas assim que estivessem prontas a esperar até a finalização das três.

Ao escolher estas pessoas, eu tinha primeiramente o objetivo de buscar voluntários das mais variadas profissões e que, ainda que pudessem ser parte do meu círculo, não tivessem conhecimento sobre o projeto. Deste modo, fui percebendo como podia abranger com elas a maioria das pessoas que eu pretendo atingir com a coisa. Busquei alguém de design para visualizar como uma pessoa da minha área poderia preencher a caixa e que ideias poderia aportar a um projeto que se situa entre as artes e o design. Também procurei por alguém que fosse da área criativa, mas que o seu modo de expressar fosse diferente, foi aí que escolhi a pessoa de letras. Por último pensei em alguém que fosse do meu círculo, mas que fosse o mais distante possível da área criativa, para observar como uma pessoa que vê e entende o mundo de modo completamente diferente ao meu, poderia completar a caixa e que aportes poderia trazer ao produto final.

4.4 Entrevistas

Após a distribuição das caixas e de estarem nas mãos das pessoas designadas, chamei individualmente cada uma delas para fazer uma entrevista, com o intuito de compilar informações sobre a usabilidade da coisa, assim como o processo de cada pessoa ao receber, preencher e acabar as atividades da caixa.

As entrevistas ocorreram entre os dias 5 e 21 de maio, todas de modo presencial e em um lugar à escolha da pessoa entrevistada. Aqui é importante pontuar que os voluntários não tinham outros conhecimentos sobre a caixa além daquilo que já estava dentro da mesma e que não sabiam que iriam ser entrevistados em algum ponto do processo.

Assim, me aproximei novamente deles e fiz a proposta de fazer a entrevista. Antes mesmo de marcar a data, quis dar algumas informações e instruções que achei que fossem importantes para o processo. Para começar quis tranquilizar a pessoa em relação ao fato de quanto da caixa poderia ter sido preenchida ou não, pois não queria que isso fosse um empecilho para o nosso encontro, afinal, até o fato de eles não terem sequer feito uma única intervenção iria fazer parte importante da minha pesquisa.

Posteriormente, indiquei a minha preferência pelo encontro presencial e perto do lugar de residência da pessoa, já que iria propor que ela levasse a caixa ao lugar de encontro, caso se sentisse à vontade. Ao ser perto do lugar de moradia, o transporte não seria um obstáculo para levar a coisa. Também frisei a importância de que fosse um lugar calmo e que na entrevista só estivéssemos eu e a pessoa em questão, para

evitar intervenções desnecessárias de terceiros, ou até algum tipo de barreira que não permitisse que a pessoa falasse abertamente do que continha a caixa.

Neste ponto esperava que pudessem ter respostas negativas ou positivas à minha proposta de levar a caixa, porém todos os voluntários acederam a levá-la ao encontro. Cabe mencionar que alguns deles ficaram receosos com o fato de colocar algumas coisas dentro e que depois eu levasse comigo a caixa e tudo no que ela continha. Contudo, desde o começo, deixei claro que tudo o que estava dentro era deles, que nada daquilo me pertence e que do mesmo modo como a coisa chegou ao nosso encontro, ela voltaria com eles. Em algum ponto das nossas interações até disse que a caixa era de cada um deles e que provavelmente nunca me pertenceu.

Por último, antes de dar começo à entrevista, perguntei a cada um deles se sentia a vontade de que eu fizesse uma gravação da nossa conversa, pois queria manter minha conexão com eles o tempo todo, não queria que a presença de um papel ou caneta pudessem intervir naquele espaço. O registro foi só de conhecimento meu e isso eles também souberam, não houve nem sequer conhecimento das gravações por parte da minha orientadora, pois sempre reconheci a delicadeza deste trabalho, de quanto podia mexer com o ser em si, e de como as lembranças que me foram compartilhadas eram um tesouro, que decidi que iria guardar para mim, colocando neste texto única e exclusivamente o necessário para a pesquisa.

Já durante a entrevista, deixei claro que aquilo não era um julgamento de valor, eu não estava ali como juiz das lembranças e que na verdade eles nem tinham que compartilhar, caso não quisessem, suas memórias contidas na caixa. O meu objetivo era o de ter uma simples conversa, leve e informal, ao redor de uma coisa que poderia nos instigar e servir como um meio durante o encontro.

Uma das entrevistas foi em uma padaria, no horário da tarde, em um pequeno lugar aconchegante e de pouco público. A pessoa, um pouco tímida, começou a me responder até um pouco receosa de falar demais. No devido momento, se permitiu abrir a caixa e me mostrar aquilo que a gaveta continha, assim como algumas das intervenções feitas tanto nos cartões como no caderno. Me deu comentários muito valiosos para o aperfeiçoamento da caixa e algumas sugestões do que poderia ser no futuro, do mesmo modo que me ajudou na usabilidade e acesso à informação da caixa. Esta pessoa preencheu todas e cada uma das perguntas, criou seu próprio sistema para fazer as atividades, assim como mudou as regras ao seu dispor, deixou a sua criatividade aflorar da forma mais delicada e me permitiu quase duas horas de conversa leve e de grandes aprendizados.

A segunda entrevista foi em uma pizzaria de renome, à noite, na hora da janta, assim estivemos rodeados de um número maior de pessoas, mas por coisas do destino conseguimos uma mesa um pouco mais intimista, o que permitiu que pudéssemos falar à vontade e nos expressar sem medo. A pessoa abriu a sua caixa e descobri um

mundo enorme lá dentro, cheio de histórias de infância e de muito amor. Ela foi me apresentando cada detalhe que colocara ali dentro e o porquê de estar aí. Ela não conseguiu responder todas as perguntas, ainda que tivesse criado um método em algum ponto do processo, porém os movimentos da vida não lhe permitiram continuar, mas sem dúvidas a caixa foi um meio de catarse. Esta pessoa me deu conselhos sobre como poderia melhorar a forma da caixa e ideias de como eu poderia levar este projeto adiante, até ele se transformar em um produto.

A última das entrevistas foi feita na minha casa, muito fora do planejado. Foi o espaço em que a pessoa se sentiu segura para que acontecesse. Ela desde o começo se mostrou muito sincera e me disse que não tinha conseguido fazer nenhuma das atividades, relatou ter até pego na caixa, mas não houve ocasião na qual se sentiu à vontade para criar algo ao redor das perguntas. Neste caso levei a entrevista por um caminho que já tinha planejado, perguntei se ela queria abrir a caixa comigo, ler as perguntas e responder verbalmente aquilo que quisesse e assim o fez. Respondeu cada um dos quatorze cartões e no final assistiu ao vídeo da minha caixa. Não me deu nenhum aporte de modo verbal ou conselho para o futuro da caixa, mas consegui perceber algumas coisas que eu poderia mudar para romper algumas barreiras que ela teve ao responder.

Levo comigo de cada uma das entrevistas um carinho enorme, aprendizados e claro, lembranças muito ricas. Posso falar nestas páginas, que tanto eu quanto os entrevistados, permitimos que as nossas emoções transbordassem e criamos uma conexão daquelas que pouco se sentem hoje em dia.

Para todas as entrevistas fiz um pequeno roteiro para me apoiar durante a conversa. Este passo a passo foi planejado junto com minha orientadora e planejamos até como poderia ser desde a aproximação inicial antes da entrevista e algumas vertentes de perguntas dependendo da situação de cada um dos participantes. Deixo aqui em evidência o roteiro base:

Antes da entrevista

Gostaria de marcar um encontro com você para conversar sobre a caixa que recebeu há algum tempo, não há relevância no quanto você conseguiu fazer das atividades propostas, fique tranquilo e a vontade para expressar caso não tenha conseguido completar ou sequer começado alguma delas.

1. Você gostaria de marcar esse encontro? Particularmente gostaria que fosse presencial e perto do seu lugar de residência.
2. A nossa conversa vai ser informal e tudo vai ser a partir da caixa e do seu desenvolvimento com ela. Você aceitaria fazer esse encontro levando a caixa? Independentemente da evolução da mesma

- (Caso a resposta seja positiva) Quero que você fique tranquilo, nada do que você colocou dentro irá ficar comigo, na verdade, nada do que ali está escrito, criado ou guardado precisa ser do meu conhecimento. Peço pra você levar a caixa como um meio, para dali poder criar uma conversa. No final do nosso encontro, a caixa irá continuar sendo sua, nada do que está dentro dela me pertence, e provavelmente a caixa em si nunca me pertenceu, sempre foi sua e irá continuar sendo, você vai levar ela pro nosso encontro, e ela irá retornar com você ao terminar.
- (Caso a resposta seja negativa) Não há problema, podemos ainda assim fazer o nosso encontro. Nesse caso peço pra você refletir um pouco sobre seu processo, sobre o uso que deu à caixa e se sentir à vontade, pode anotar isso para podermos ter a nossa conversa, que pode ter certeza, irá ser de grande ajuda ainda sem termos a caixa no meio.

Na entrevista

Se não for do seu incômodo, eu gostaria de fazer uma gravação da nossa conversa por áudio. Esse material só irá estar em minhas mãos e mais ninguém irá escutá-lo, gostaria de ter esse registro para poder criar uma maior conexão com você sem ter a necessidade de interromper a nossa conversa para ter que anotar alguma coisa que eu sinta relevante, e também para analisar com calma, posteriormente, tudo o que você tenha a me dizer sobre a caixa. As únicas anotações que poderei fazer durante a nossa conversa, irão ser de coisas que gostaria de explorar ainda mais e que não gostaria que passassem batidas ainda hoje.

Antes de começar, também gostaria de situar você na minha pesquisa e o porquê dessa caixa está em suas mãos. Como já tinha escrito na carta inserida na caixa, estou no último período do meu curso de Comunicação Visual Design, e a caixa faz parte do meu TCC. Ela tem sido o meio pelo qual tenho conseguido dar um grande passo dentro da minha pesquisa e me sinto muito honrada de que você tenha aceitado ter ficado e usado ela por este tempo.

(Começar a gravação caso a pessoa tenha aceito)

- **No caso da pessoa ter levado a caixa**

A nossa conversa não vai ter um ritmo ou perguntas fechadas, ela vai se criar a partir de nós dois e da caixa em si.

1. Gostaria de saber, se inicialmente você tem algum comentário que queria fazer. Sinta-se à vontade, pode ser sobre o seu processo, sobre a caixa, sobre alguma reflexão ou até mesmo da funcionalidade da parte física da caixa em si.
2. Como você se sentiu ao saber que iria receber a caixa ou como você se sentiu quando recebeu ela?
3. Qual foi a sua primeira impressão?
4. Antes de qualquer outra pergunta, você quer abrir a caixa? Eu não pretendo manipular nada do que esteja nela, a menos que assim você queira. Gostaria

de deixar você à vontade para abrir e mostrar o que você colocou dentro ou que você criou. Pode pular alguma pergunta, alguma resposta, não tem problema, são suas memórias e pretendo durante todo este processo respeitar você e elas. Se quiser me contar as histórias, estou aqui para ouvi-lo, se você só quiser me mostrar, também está tudo bem.

5. A maior certeza que temos neste plano, é que temos um tempo finito, e levando em consideração o que esta caixa possui, em um mundo ideal, o que você gostaria que acontecesse com ela e seu conteúdo quando você não estiver mais aqui?
6. Agora, depois de você ter compartilhado comigo um pedacinho de você, queria saber durante quanto tempo você usou a caixa, (no caso a pessoa ter completado todas as atividades) ainda continua usando?
7. Você criou algum método para preencher as atividades? Durante quanto tempo você usou ela? Ou quanto tempo você se permitiu para preencher as atividades?
8. Teve algum aspecto que tenha te chamado mais a atenção?
9. Existe alguma pergunta que você sentiu falta, ou que queira me aconselhar a ser incluída? Ou algum tema que não tenha sido abordado mas que pra você seria um pilar importante dentro da caixa?
10. Você sentiu alguma dificuldade? Pode ser tanto na manipulação da caixa física, como na parte de dar resposta às atividades
11. O que você sente que não funcionou? Que não permitiu que você se sentisse à vontade para fazer alguma atividade?
12. Tem alguma coisa que você mudaria?
13. Estamos quase no fim da nossa conversa, mas antes tenho a curiosidade e a sua resposta não implica nenhum compromisso, pode ficar tranquilo. Você sente que irá continuar usando a caixa? Sente que irá revisita-la em algum momento?

Se quiser e tiver alguma consideração final, este espaço é seu e quero que você se sinta seguro, pode falar o que quiser sobre este processo e sobre o tema abordado na minha pesquisa.

○ **No caso da pessoa NÃO ter levado a caixa**

A nossa conversa não vai ter um ritmo ou perguntas fechadas, ela vai se criar a partir de nós dois e da caixa em si.

1. Gostaria de saber, se inicialmente você tem algum comentário que queria fazer. Sinta-se à vontade, pode ser sobre o seu processo, sobre a caixa, sobre alguma reflexão ou até mesmo da funcionalidade da parte física da caixa em si.
2. Como você se sentiu ao saber que iria receber a caixa ou como você se sentiu quando recebeu ela?
3. Qual foi a sua primeira impressão?
4. Antes de qualquer outra pergunta, o que fez com que você não se sentisse a vontade de trazer a caixa aqui hoje? E ainda sem ela aqui, que compartilhar alguma coisa que faça parte do que hoje ela guarda?

As perguntas da 5-13, se mantém.

Se quiser e tiver alguma consideração final, este espaço é seu e quero que você se sinta seguro, pode falar o que quiser sobre este processo e sobre o tema abordado na minha pesquisa.

- **No caso da pessoa NÃO ter conseguido vivenciar a caixa**

A nossa conversa não vai ter um ritmo ou perguntas fechadas, ela vai se criar a partir de nós dois e da caixa em si.

1. Gostaria de saber, se inicialmente você tem algum comentário que queria fazer. Sinta-se à vontade, pode ser sobre o seu processo, sobre a caixa, sobre alguma reflexão ou até mesmo da funcionalidade da parte física da caixa em si.
2. Como você se sentiu ao saber que iria receber a caixa ou como você se sentiu quando recebeu ela?
3. Qual foi a sua primeira impressão?
4. Antes de qualquer outra pergunta, você gostaria de dar uma olhada na caixa do jeito que ela está, assim vazia, mas ter um tempo pra ler as perguntas, ou até mesmo para ver o conteúdo do último card?
 - Caso a resposta seja positiva - dar um tempo para a pessoa ter esse processo e perguntar se quer fazer isso sozinha ou estando comigo ao seu lado. Do mesmo jeito, dar a liberdade para que vá falando ou não, enquanto interage com os cards.
 - **IMPORTANTE:** Caso a pessoa queira, ela pode responder as perguntas e comentar sobre, agora que ela está se permitindo ver o conteúdo com tempo, calma e uma certa exclusividade.
 - Caso a resposta seja negativa - comentar um pouco mais sobre o projeto, sobre memória e sobre aquilo que eu entreguei na caixa.
 - **IMPORTANTE:** Caso a pessoa queira, ela pode responder alguma das perguntas que eu estiver comentando, ou fazer alguma ponderação da mesma.
5. Agora, que você sabe um pouco mais sobre a caixa e as perguntas, você gostaria de fazer as atividades?
6. A maior certeza que temos neste plano, é que temos um tempo finito, e levando em consideração o que esta caixa pode chegar a possuir, em um mundo ideal, o que você gostaria que acontecesse com ela e seu conteúdo quando você não estiver mais aqui?
7. Teve algum aspecto que tenha te chamado mais a atenção durante a nossa conversa?
8. O que você sente que não funcionou? Que não permitiu que você se sentisse à vontade para fazer alguma atividade? Como curiosidade e sem cobrança, o que você sente que foi o impedimento para não poder ter explorado a caixa? Algum conselho que possa me ajudar a que as pessoas se sintam à vontade para usar a caixa?

9. Tem alguma coisa que você mudaria?
10. Estamos quase no fim da nossa conversa, mas antes tenho a curiosidade e a sua resposta não implica nenhum compromisso, pode ficar tranquilo. Você sente que irá usar a caixa em algum ponto? Sente que irá visitá-la em algum momento?

Se quiser e tiver alguma consideração final, este espaço é seu e quero que você se sinta seguro, pode falar o que quiser sobre este processo e sobre o tema abordado na minha pesquisa.

Como mencionei anteriormente, este roteiro não foi seguido à risca, era só uma base e foi se transformando segundo a conversa com cada um dos participantes.

Faço aqui uma pequena listagem das questões que mais marcaram a entrevista, do mesmo modo como os comentários que posteriormente entraram no aperfeiçoamento da caixa, e entrarão em um futuro, caso o produto possa chegar ao mercado, parafraseando os entrevistados:

1. O branco da caixa é intimidante, mas ao mesmo tempo instiga a curiosidade.
2. O material poderia ser mais resistente para poder embalar e transportar com facilidade.
3. Dá vontade de ter uma pergunta nova por semana, é triste ver como vão diminuindo com o passar do tempo.
4. Não tive a possibilidade de abrir o QR code, se possível seria legal ter outro modo de acessar o vídeo em questão.
5. O dado cai muito no mesmo símbolo, não sei se é coisa minha porque não quero fazer essa dinâmica, ou faz parte do material e do modo de confecção.
6. Parei para olhar ao meu redor e vi que não me sentia bem no espaço que habitava.
7. É muito bom ter uma gaveta ... sempre quis achar um lugar seguro para colocar isto aqui, mas não tinha achado, até que recebi a caixa.
8. Vale lembrar que é importante que a pessoa tenha ferramentas para encarar a caixa, não são perguntas fáceis e mexem muito com a pessoa.
9. Acho que poderia se transformar em um material durante a terapia com psicólogo, ou até um produto para estes profissionais.

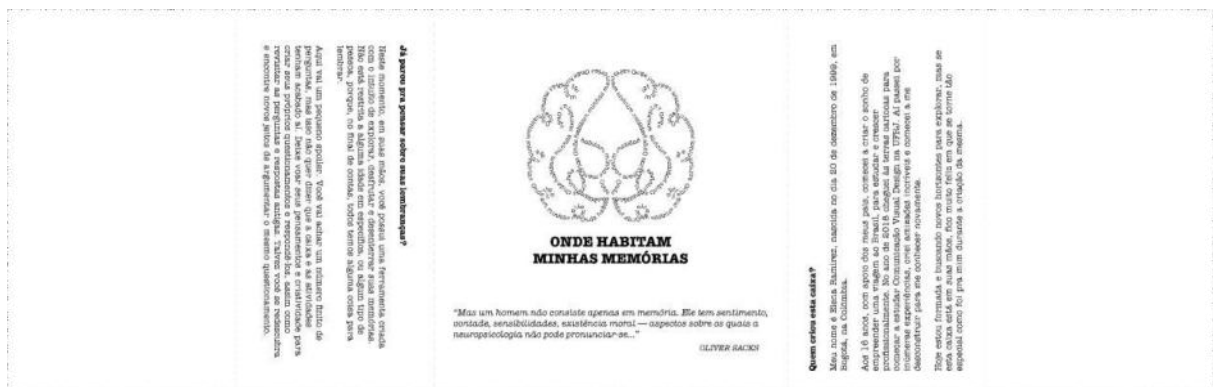
10. Você explorou quase todos os sentidos, percebi a falta de alguma pergunta atrelada ao tato.
11. Não esqueceria ninguém, porque isso permitiria dar a oportunidade a voltar a conhecer essa pessoa. (Resposta à pergunta "Se pudesse esquecer completamente alguém, quem seria?")

4.5 Aperfeiçoamento

Agora a coisa está de cara nova. Ganhou novos elementos, mudou a ordem das perguntas e a quantidade das mesmas. Criei uma nova carta e aperfeiçoei o dado, assim como adicionei um pequeno trecho de uma música ao caderno, para que a pessoa não esqueça deste material dentro da caixa.

Primeiramente a caixa ganhou uma luva que a envolve e traz consigo três conjuntos de elementos. Irei explicar, falando de cada um dos lados da luva: no lado superior temos o que se tornou a marca do projeto, um cérebro criado a partir da repetição do nome do projeto, em seguida temos o título “Onde habitam minhas memórias” e mais uma vez a citação do Sacks. No lado esquerdo da luva, encontramos uma breve explicação do produto e do seu conteúdo. Por último, no lado direito, temos uma pequena resenha de quem vos fala, a criadora do produto em si.

Figura 10: luva para caixa



Fonte: Criação própria

Figura 11: foto da luva para caixa



Fonte: Criação própria

A continuação, após a retirada da luva, o público irá achar um dos elementos marcantes do projeto, uma pergunta, para que assim ele comece a refletir sobre as suas memórias. A frase diz: “E se você pudesse se lembrar de tudo?”

Figura 12: foto do topo da caixa



Fonte: Criação própria

Assim, chega o momento de abrir a caixa, e ainda na tampa, porém no interior, a pessoa irá encontrar uma pequena mensagem minha. De forma pessoal chamo ao usuário a usar a caixa de memórias como ele preferir, fazendo um convite a não se sentir intimidado pelo branco da mesma e que deixe a sua imaginação voar e se aproprie do espaço como quiser.

Figura 13: texto no interior da caixa

ONDE HABITAM MINHAS MEMÓRIAS

Hey, psiu!

Que o branco deste espaço não te assuste, aqui você pode se expressar como quiser, o espaço é seu, a única restrição é a sua imaginação. Cole, pinte, desenhe e rabisque, ela é branca não pra te amedrontar, mas sim para que você use e abuse deste, o lar das suas lembranças.

Fonte: Criação própria

Figura 14: foto do texto no interior da caixa



Fonte: Criação própria

A seguir, o indivíduo se depara com vários elementos dentro da caixa. O primeiro, é uma adaptação da carta que fiz para os voluntários quando criei e distribuí os protótipos. Mudei a forma como a apresento, já que na versão anterior era só o papel dobrado em quatro partes, agora o papel é enrolado e fechado com uma fita cetim. A continuação o texto modificado:

Olá, tudo bem?

Estou escrevendo esta carta pra te contar o porquê de eu ter criado a caixa, mas antes que nada, agradeço a você por estar explorando ela e permitindo que este seja um espaço para as suas lembranças. Espero que seja uma atividade tão especial pra você como foi para mim.

Existe um processo quase onipresente na nossa vida e ironicamente só lembramos dele quando falha. É um recurso que você está usando neste momento

sem perceber, pois dele dependem quase todas as nossas habilidades, até mesmo a leitura. Este processo é a memória, pois ela é uma caixinha que guarda tudo o que já aconteceu na nossa vida, todos os aprendizados que já tivemos, desde os que hoje achamos mais simples, como caminhar, até os mais complexos, como fazer grandes projetos ou contas complicadas.

Por isso, agora que você está com esta caixa em mãos, quero lhe fazer um convite para que se sinta à vontade para explorar as suas memórias, suas lembranças mais profundas. Pode trazer tudo aquilo que for importante na sua vida, desde guardar um momento muito feliz da sua semana ou até mesmo desabafar alguma dor da infância que a sua memória sempre traz.

Os cartões que vai achar aqui dentro não são um manual de instruções que você deva seguir à risca. Pense neles como o ponto de partida. Você irá achar algumas perguntas que criei a partir de referências de livros e filmes, assim como perguntas que surgiram no decorrer da minha pesquisa. Pode responder a elas do jeito que preferir.

Adicionalmente, esta caixa tem um espaço que por enquanto está vazio, mas o intuito dele é que você coloque aqui dentro objetos que sejam importantes e que remetem a alguma história da sua vida, a algum momento marcante.

Espero que se sinta acolhido a usar este espaço para seu bem estar, para cuidar de si, para se reconciliar com o seu passado e saiba que esta caixinha sempre estará pronta para quando você queira colocar alguma coisa dentro, ou até quando você simplesmente deseje revisitar as memórias já guardadas nela.

Por último quero lhe contar o motivo pelo qual decidi criar esta caixa. Sou formada em Comunicação Visual Design na UFRJ, e esta caixa faz parte do meu TCC. Durante a pandemia fazia parte de um grupo de pesquisa, e nele exploramos alguns textos que me levaram a querer indagar sobre a memória. Durante quase 3 anos, foi se formando aos poucos esta caixa

Ah!! E caso tenha curiosidade de saber a minha maior inspiração para este trabalho, convido você a ir no último cartão. Ali vou te contar uma pequena história e assim compartilhar com você uma memória pessoal.

Espero que este sempre seja um lugar seguro para você e suas memórias
Abraços,
Elena Ramirez

A carta é seguida pelo dado, que sofreu algumas modificações para melhorar sua estrutura e seu desempenho.

Figura 15: foto da carta e do dado



Fonte: Criação própria

Aqui aparece uma das maiores modificações, e provavelmente o objeto mais chamativo em meio a todo o conteúdo branco e preto. Criei um novo cartão que chamei de “Alerta de gatilho”, onde aviso ao usuário sobre a possibilidade de mexer com dores ainda não curadas e remexer com lembranças que podem acabar afetando demais os sentimentos e o psicológico do indivíduo. Porém, faço um fechamento falando sobre o acolhimento que busco que este espaço tenha e agradeço ter escolhido este produto para si. Do lado do reverso, deixo o número do Centro de Valorização da Vida caso a pessoa precise:

Figura 16: texto anverso cartão Alerta Gatilho

ATENÇÃO, ALERTA DE GATILHO!

O conteúdo dentro desta caixa busca criar um espaço de acolhimento e reflexão, mas é importante que você saiba que as perguntas podem mexer com você de forma tanto positiva como negativa.

Convido você a explorar esta caixa e percorrer suas memórias com amor e compaixão, mas caso não esteja preparado para responder alguma das perguntas, sinta-se à vontade para deixar ela de lado e não revisita-la.

As nossas lembranças também podem acabar trazendo à tona alguns gatilhos muito fortes. Por favor, busque alguém para falar sobre, não se isole e se necessário busque ajuda de um profissional.

Este lugar estará sempre esperando por você, para fazer você se sentir acolhido e pertencente. O que está aqui dentro é seu e tem um valor imensurável, sinta-se bem-vindo à experiência de reconciliar-se com seu passado, e rememorar momentos especiais. Obrigada por escolher este novo lar para as suas lembranças.

Fonte: Criação própria

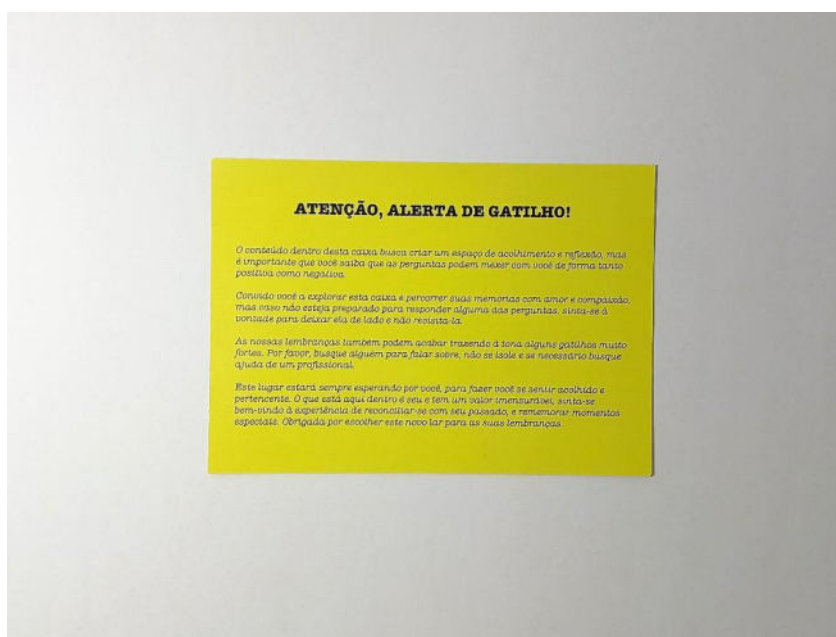
Figura 17: texto verso cartão Alerta Gatilho

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO!

Ligue 188
(Centro de Valorização da Vida)

Fonte: Criação própria

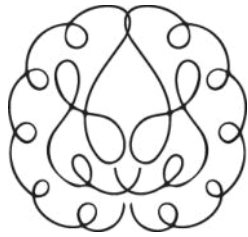


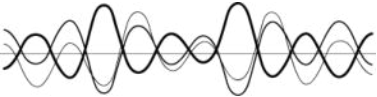
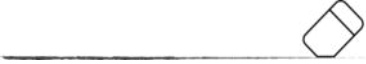
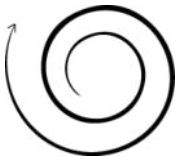
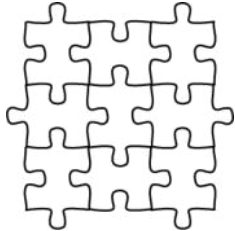

Figura 18: foto cartão Alerta Gatilho



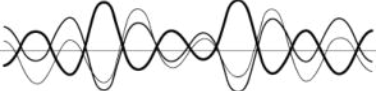





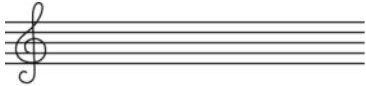
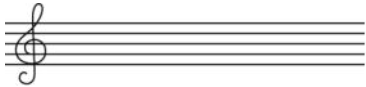

Fonte: Criação própria






A continuação, irão aparecer os novos 17 cartões, que na verdade receberam algumas modificações, como a ordem na qual as perguntas são apresentadas, assim como a orientação das mesmas. O motivo pelo qual mudei a ordenação, foi que, por meio das entrevistas, percebi que o processo de exploração da memória, por ser tão delicado, poderia ser feito de modo mais gradual, com as perguntas consideradas como mais leves no começo, e posteriormente ir aumentando a dificuldade das mesmas. Enquanto na versão do protótipo na frente estava a pergunta, na versão final decidimos deixar o símbolo de cara ao espectador, para continuar criando essa camada de curiosidade a partir da imagem. Do mesmo modo, foram adicionadas novas perguntas e novas ilustrações. Para entender melhor as modificações feitas, deixo aqui uma tabela com as informações tanto dos cartões antigos como os novos, e o sua frente e verso respectivamente:


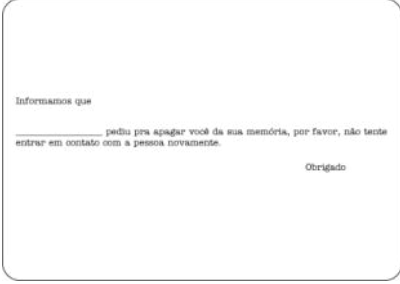
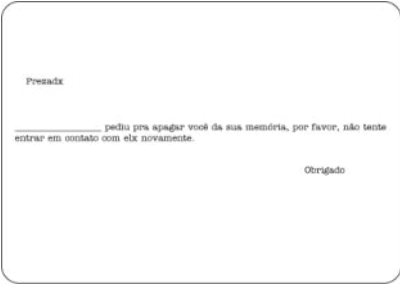

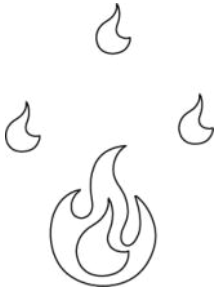
Tabela 1: tabela de dados dos cartões

#	Versão	Frete	Verso
1	Antiga	Ao longo da nossa vida experienciamos e frequentamos muitas casas diferentes, mas que não necessariamente se transformam em nosso lar. A memória depende em grande medida do espaço e, às vezes, uma casa só se torna o nosso lar por meio dos acontecimentos que tiveram lugar ali e que posteriormente se transformam em recordações especiais. E a casa onde você mora? Ela é o lar das suas lembranças?	
	Nova		Qual é a sua lembrança mais antiga?
2	Antiga	Qual é a sua lembrança mais antiga?	
	Nova		O que você acha que pode ter esquecido, mas não sabe porque não lembra nem de ter esquecido? (Ref. Harry Potter e a Pedra Filosofal. 2001 - Chris Columbus)
3	Antiga	Tudo aquilo que hoje fazemos, o modo como nos comportamos e como reagimos a diferentes situações conta um pouco da nossa história. E se tivesse a oportunidade de esquecer todos os seus erros? O que você faria?	
	Nova		Já acordou com alguma música em looping na sua cabeça? Ou até mesmo um ritmo de alguma propaganda ou jingle de loja? (Ref. Divertidamente. 2015 - Pete Docter)
4	Antiga	E se você pudesse se lembrar de tudo?	
	Nova		Um dos sentidos mais fortes atrelados à memória é o olfato, pois um cheiro tem a capacidade de nos levar a lugares de infância, a pessoas queridas ou situações

			pouco agradáveis. Você tem algum cheiro que te faça lembrar de alguma situação específica? Ou já esteve andando na rua e pensou em alguma pessoa só pelo perfume de um desconhecido?
5	Antiga	Aquela dor que mais te magoa, o que faz você lembrar dela?	
	Nova		<p>Temos comidinhas especiais que aquecem nosso coração, nos trazem conforto e segurança. Às vezes pode ser comida de vó ou a comida de mãe, até mesmo um prato preparado por aquele nosso amigo que parece que tem o dom do sabor em suas mãos. Tem alguma comida que você já provou em diferentes lugares, mas só uma pessoa consegue fazer do jeitinho que você gosta? Existe algum prato que você faz questão de comer para lembrar de alguém?</p> <p>(Ref. Ratatouille. 2007 - Brad Bird)</p>
6	Antiga	<p>O que você acha que pode ter esquecido, mas não sabe porque não lembra nem de ter esquecido?</p> <p>(Ref. Harry Potter e a Pedra Filosofal-2001 Chris Columbus)</p>	
	Nova		<p>O maior órgão do corpo humano é a pele, e através dela conseguimos interagir com o mundo exterior, experienciando todo tipo de superfícies e texturas. Alguns bebês se apegam a uma pequena coberta desde pequenos, já alguns adultos não conseguem dormir em outra cama só pela textura dos lençóis. Você tem alguma textura que faça parte das suas lembranças?</p>
7	Antiga	Os sons sem dúvida fazem parte das nossas lembranças. É por isso que algumas músicas se tornam	

		inesquecíveis, quase que a trilha sonora da nossa vida, pois a memória afetiva conecta sons a passagens da nossa vida. Permita-se buscar dentro de si aquelas músicas especiais e crie a sua pequena “playlist” nesta página.	
	Nova		Os sons sem dúvida fazem parte das nossas lembranças. É por isso que algumas músicas se tornam inesquecíveis, quase que a trilha sonora da nossa vida, pois a memória afetiva conecta sons a passagens da nossa vida. Permita-se buscar dentro de si aquelas músicas especiais e crie a sua pequena “playlist” nesta página.
8	Antiga	Amores, família e amigos nos permitem conhecer mundos novos por meio dos seus gostos musicais e às vezes uma música chega por meio de uma dedicatória. Em reencontros, desencontros ou partidas, essas músicas sempre trazem as lembranças de toda a história vivida juntos. Tem alguma música dedicada a você? Quer contar um pouco mais sobre a pessoa que lhe dedicou?	 <p style="text-align: right; font-size: small;">Para você...</p>
	Nova	 <p style="text-align: right; font-size: small;">Para você...</p>	Amores, família e amigos nos permitem conhecer mundos novos por meio dos seus gostos musicais e às vezes uma música chega por meio dessas pessoas especiais. Em reencontros, desencontros ou partidas, essas músicas sempre trazem as lembranças de toda a história vivida juntos. Tem alguma música que faça parte da sua história com outra pessoa?
9	Antiga	Já acordou com alguma música em looping na sua cabeça? Ou até mesmo um ritmo de alguma propaganda ou jingle de loja? (Ref. Divertidamente - 2015 Pete Docter)	

	Nova		Acredito que somos também um pouco das lembranças das pessoas que amamos e das pessoas que influenciamos no percorrer da nossa vida. Existe alguma música que você tenha escutado e tenha lembrado de alguém? Já compartilhou essa música com essa pessoa? Como foi a experiência?
10	Antiga	Um dos sentidos mais fortes atrelados à memória é o olfato, pois um cheiro tem a capacidade de nos levar a lugares de infância, a pessoas queridas ou situações pouco agradáveis. Você tem algum cheiro que te faça lembrar de alguma situação específica? Ou já esteve andando na rua e pensou em alguma pessoa só pelo perfume de um desconhecido?	
	Nova		Tudo aquilo que hoje fazemos, o modo como nos comportamos e como reagimos a diferentes situações conta um pouco da nossa história. E se tivesse a oportunidade de esquecer todos os seus erros? O que você faria?
11	Antiga	Temos comidinhas especiais que aquecem nosso coração, nos trazem conforto e segurança. Às vezes pode ser comida de vó ou a comida de mãe, até mesmo um prato preparado por aquele nosso amigo que parece que tem o dom do sabor em suas mãos. Tem alguma comida que você já provou em diferentes lugares, mas só uma pessoa consegue fazer do jeitinho que você gosta? Existe algum prato que você faz questão de comer para lembrar de alguém? (Ref. Ratatouille- 2007 Brad Bird)	
	Nova		Se pudesse esquecer completamente alguém, quem seria?

12	Antiga	Se pudesse esquecer completamente alguém, quem seria?	
	Nova		Exercício rápido: pense em alguém que faz ou que já fez parte da sua vida. Agora coloque o nome dessa pessoa na pergunta a seguir e permita-se refletir sobre. (Ref. Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças. 2004 - Michel Gondry)
13	Antiga	Exercício rápido: pense em alguém que faz ou que já fez parte da sua vida. Agora coloque o nome dessa pessoa na pergunta a seguir e permita-se refletir sobre. (Ref. Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças- 2004 Michel Gondry)	
	Nova		Aquela dor que mais te magoa, o que faz você lembrar dela?
14	Antiga	O que nos resta sem memória? (Ref. <i>Still Alice</i> -2015 Richard Glatzer, Wash Westmoreland)	Sem ilustração
	Nova		Ao longo da nossa vida experienciamos e frequentamos muitas casas diferentes, mas que não necessariamente se transformam em nosso lar. A memória depende em grande medida do espaço e, às vezes, uma casa só se torna o nosso lar por meio dos acontecimentos que tiveram lugar ali e que posteriormente se transformam em recordações especiais. E a casa onde você mora? Ela é o lar das suas lembranças?

15	Nova	Sem ilustração	O que nos resta sem memória? (Ref. Still Alice. 2015 - Richard Glatzer, Wash Westmoreland)
----	------	----------------	---

Fonte: criação própria

Vale lembrar, que todas as ilustrações dos cartões, são de criação própria e exclusiva para este projeto.

Figura 19: foto de cartões novos



Fonte: Criação própria

O último objeto encontrado no nicho da caixa, é o caderno. A única modificação que teve nos últimos meses foi uma citação da última estrofe da música de Toquinho “O Caderno”:

O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer?
Só peço a você um favor, se puder
Não me esqueça num canto qualquer
(TOQUINHO,

1985)

Figura 20: caderno dentro de nicho



Fonte: Criação própria

Para finalizar a caixa, a gaveta se mantém com uma pequena modificação. Coloquei uma fita para que a pessoa tenha um melhor uso ao abrir a mesma:

Figura 21: gaveta aberta



Fonte: Criação própria

Assim, encerro esta monografia, com o projeto de coisa caixa para a interação da memória individual:

Figura 22: caixa final, com todos seus elementos



Fonte: Criação própria

5. CONCLUSÃO

A memória individual pode ser entendida de inúmeras maneiras, do mesmo modo que pode ser explorada desde distintos pontos de vista. Provavelmente não há coisa mais subjetiva do que nossas lembranças e por isso este projeto se torna tão plural, como todos aqueles que possam acessá-lo. Somos um pouco de nossas lembranças e um pouco das lembranças daqueles que se juntam ao nosso caminho na vida.

Ainda que nossa mente, em ocasiões, tente jogar conosco e achemos que há algo de errado em nossa memória, não somos mais do que o resultado da evolução. O que no mundo moderno acreditamos ser um empecilho para sermos mais produtivos - o apagamento da memória -, é só nosso corpo nos lembrando de que ainda continuamos sendo seres vivos, e a nossas lembranças continuam conosco ou não dependendo do nosso instinto mais básico, o de sobrevivência.

Nossos sentimentos estão intrinsecamente ligados às nossas memórias, por isso é de grande importância tratar nossas lembranças com cuidado e compaixão. Podemos ter passado por inúmeras dores ao longo de nossa existência, e nossa memória pode tê-las tentado apagar., porém, sempre pode existir a possibilidade de que reapareçam dores muito antigas e precisamos de uma ajuda externa para poder ter uma relação sadia com nossa mente.

Comecei com o intuito de criar um objeto intimista e terminei criando uma coisa para o mundo. Não sei onde estas caixas irão parar, nem se poderão se tornar o produto que espero, mas sei que só os protótipos já fizeram uma mudança em aqueles que tiveram acesso a eles, por isso espero que outras pessoas possam ter acesso e criar suas próprias conclusões sobre memórias, esquecimento e lembranças.

Um dos resultados mais importantes desta pesquisa foi o seu desenvolvimento em si, o espaço no qual surgiu, como foi a sua evolução e de que modo percebi que a partir de um grupo de pesquisa, poderia surgir o meu TCC. Foram quatro anos dentro do GP de Semiótica do Design, dos quais, dois foram quase exclusivos para a exploração que me permitiu levar este projeto à SIAC. Posteriormente, tive a oportunidade de desenvolver a coisa dentro de uma disciplina, onde seu resultado me levaria à JICTAC, e por fim, após reflexões próprias e conversas tanto com a profa. Raquel, como com a que seria minha coorientadora durante a Jornada Giulio Massarani, a professora Irene Peixoto, vi a oportunidade de desenvolver o meu TCC. Esta situação só foi possível graças à importância da pesquisa e do incentivo por parte das minhas professoras a continuar projetando e produzindo a pesquisa e o produto que aqui apresento.

Mas sem dúvida, a maior conclusão que tenho levado deste trabalho é na verdade uma lembrança que veio à tona com ele: durante a missa de falecimento da minha prima Kika, a irmã dela falou que ela ainda estava viva em cada um de nós. E

é essa, definitivamente, a mensagem que isso tudo me deixou: que por mais que a nossa memória falhe até o ponto de esquecermos de nós mesmos, vivemos nas memórias que deixamos em aqueles que amamos.

6. DESDOBRAMENTOS

A intenção a futuro deste projeto, consta de duas partes: a primeira será buscar algum tipo de financiamento coletivo ou patrocínio, que me permita levar adiante a caixa e assim poder criar um produto que possa ser oferecido ao público. Já a segunda etapa pretende criar um site com um compilado de informações sobre este projeto, assim como atualizações de pesquisas e novas referências sobre memória.

O financiamento tem como objetivo a divulgação e criação de uma tiragem maior de caixas, para que possam ser oferecidas e vendidas como um produto finalizado, visando materiais mais resistentes, assim como um acabamento de maior qualidade.

Por outro lado, a ideia de fazer o site surge também como resposta a pedidos e sugestões que surgiram durante as entrevistas, pois irá ser um meio pelo qual serão publicadas novas perguntas de modo periódico e com tempo finito de divulgação, para que as pessoas que queiram continuar com a caixa, tenham um ponto de inspiração a partir de uma atividade nova, que será apresentada junto com algum desenho igual às que aparecem dentro da caixa.

O site também terá uma aba exclusiva para salvar referências de pesquisas e peças artísticas que exploram a memória, para que o público possa se inspirar e conhecer outros meios e formas de observar as lembranças, tanto de modo individual como coletivo.

Por último, uma seção irá mostrar tanto filmes como livros que abordem temas relacionados à memória, esquecimento e lembranças. A seleção desses filmes será baseada nas minhas experiências, o que tornará este espaço outro lugar onde eu poderei preservar minhas memórias e compartilhá-las com o público. No entanto, não será um espaço exclusivo, pois também pretendo aprender com aqueles que estão do outro lado da tela, e haverá um espaço para discussões para aqueles que desejarem apontar e sugerir novas obras, criando assim uma grande coleção de trabalhos que retratam e demonstram o interesse humano pela exploração de sua própria memória.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DUNNE, A.; RABY, F. Speculative Everything. Cambridge, MA: The MIT Press, 2013.

INGOLD, T. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais. Escócia: University of Aberdeen, 2020

SACKS, O. O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHACTER, D. L. Os Sete Pecados da Memória. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.